

N.^{os}
28-30
—

ALMA NOVA

4,5
ESC.
—

ALMA NOVA

(Publicação fundada em 1914)

PROGRAMA :

CONTRIBUIR PARA O RESSURGIMENTO NACIONAL, DESPERTANDO O CULTO DAS VIRTUDES PÁTRIAS E O AMOR DAS COISAS PORTUGUESAS; TORNAR PORTUGAL E OS SEUS PRODUTOS CONHECIDOS NO ESTRANGEIRO

Director Literário e Gerente: **Mateus Moreno** * Director Artístico: **Saavedra Machado** * Secretário: **Rebello de Bettencourt**

REDACTORES LITERÁRIOS: Dr. Ascensão Mendonça, Dr. Braga Paixão, Dr. Cláudio Basto, Tenente de Marinha Eduardo Raposo, Tenente José Brandão, Dr. José Gonçalves Santa Rita, Dr. José Guerreiro Murta, Luis Chaves, Dr. M. Pereira da Silva, Dr. Nuno Cruz, Dr. Pedro Júdice e Dr. Teófilo Júnior. **REDACTORES ARTÍSTICOS:** Eduardo Romero, Francisco Valença, João José Gomes, Jorge Segurado e Samora Barros.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8-1.º (À POLITECNICA) — LISBOA

III. Série. — N.º 28 a 30. — Vol. III

Abril-Junho de 1925

SUMÁRIO:

	Pág.		Pág.
Capa: Arco do Carrasco (Óbidos), por Marfinho da Fonseca.		Vox Dei e Ansiedade, sonetos de Celestino Rodarte de Almeida	57
Pelo mundo: Notas do Tenente X	38	Neve efêmera, versos de Nuno Cruz	58
Sintra monumental (fotografia)	39	A filosofia do regionalismo na vida nacional e o seu vário aspecto — estético, social, económico, por Mário Gonçalves Viana	60
Crónica, por Mateus Moreno	40	Recordar... Reviver... Costa Alegre, por Cruz Magalhães.	61
As nossas Escolas Superiores: O Instituto Superior de Comércio	41	Tradições açoreanas: A Procissão do Trabalho, por P.º Ernesto Ferreira	62
Acção e Fé, por A. Reis Machado	44	Arquitectura: O romano-gótico em Portugal (A capela de San-Pedro em Avô) — conclusão, por Nogueira Gonçalves	63
Interesses Portugueses na América-do-Sul (concl.), por J. M. de Bettencourt Ferreira	45	Contos e Novelas: Noite de Maio, por Barbosa Sueiro	65
Figuras do Mês: Camões	47	Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra, pelo Tenente José Brandão	66
Relendo Camões, por Fidelino de Figueiredo	47	Figuras e factos (reportagens gráficas)	67
Camões e a Restauração de Portugal, por Nuno Catharino Cardoso	48	Página dos Teatros: Angela Pinto, por M. M.; Impressões e Críticas, por Eduardo	68
Etnografia artística: Cabanas do Alto Alentejo, por Luis Chaves	49	Página desportiva, por Ribeiro dos Reis	69
Tendências da nossa literatura (Fidelino de Figueiredo), por José Guerreiro Murta	51	Sciência: Vontade e Valência, palavras à memória de Sacadura Cabral, por Ernesto Pereira	70
Notas de bairros: — I, por José Brandão	52	Bibliografia	70
Os nossos artistas: Venus moderna, escultura de João José Gomes	53	Pelas províncias: Cartaxo, por M. Silva; A inauguração do rápido para o Algarve: Nova comarca; A serra portuguesa	71
Algarve intelectual: João Lúrio	54		
Algarve típico: A característica vila de Oihão (fotografia)	55		
Évora monumental: Torre antiga, por Albertino Guimarães	56		
Os nossos artistas: Celestino R. de Almeida, busto de João José Gomes	57		

No próximo número publicaremos os artigos sobre *Anatole France*, *Púcaros portugueses* e *Tavira, a linda*, anunciados para este.

A *Alma Nova* sai actualmente apenas de 3 em 3 meses, em fascículos de 3 números, devendo porém em breve passar a sair todos os meses.

AMIGOS DA "ALMA NOVA"

Assim consideraremos todas as pessoas que por qualquer das formas seguintes desejarem cooperar no programa da nossa revista:

1.º — Assinando e recomendando a *Alma Nova* às pessoas das suas relações, e obtendo e pedindo a cada novo assinante que por sua vez consiga o maior número de assinaturas de pagamento garantido;

2.º — Concedendo ou angariando subsídios para desenvolvimento geral do seu programa;

3.º — Anunciando ou fazendo anunciar na *Alma Nova*, invocando a larga distribuição da mesma por todo o País, Ilhas, Colónias e principais mercados do Estrangeiro, como garantia da utilidade comercial desses anúncios.

Novos * Amigos * inscritos (Continuação):

Assinaturas angariadas Subsídios — Transporte: 100\$000

79 — Sociedade Filarmónica Laeobrigense, Lagos	1 — Anual	15\$00
80 — Afonso Augusto de Magalhães, Chaves	1 — Anual	5\$00
81 — Dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, cônsul em Boston, E. U. A.	1 — Anual	—
— — Dr. Jaime da Graça Mira, Coimbra	4 — Anuais	—
— — Dr. Manuel Gomes dos Santos, Lisboa	2 — Anuais	—
— — João José Gomes, escultor, Lisboa	1 — Anual	A transportar — 120\$00

Todos os «Amigos» têm o desconto de 20 % nas suas assinaturas e 10 % nas demais obras editadas pela Biblioteca da ALMA NOVA (Ed. Ressurgimento). Ver lista das obras, na capa.

UM CONVITE!

A TODOS OS QUE SE INTERESSAM

■ ■ ■ ■ ■ PELO DESENHO ■ ■ ■ ■ ■



«Croquis» de um aluno

PELO desenho podeis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os duma vez para sempre no vosso album de «croquis».

O curso A B C ensinar-vos-há imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, indicando-vos os princípios de desenho, pelo seu único método de ensino individual e pessoal. Vencereis assim as primeiras dificuldades e sereis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que receiam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se apreciarem as coisas artísticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consintam, pois, que o curso A B C vos mostre como aí chegam! Dêem hoje o primeiro passo, escrevendo-nos para pedir gratuitamente o nosso album de luxo ilustrado pelos nossos alunos e que vos dará todas as indicações sobre o funcionamento do curso.

COURS A. B. C. de Désin «Atelier 112»

12, Rue Lincoln (Champ Elysées), PARIS—FRANÇA

Eliseu & Saraiva, Lim.^{da}

ALFAIATES-MERCADORES

Fazendas Nacionais e Estrangeiras

Fatos em todos os géneros

: Sobretudos e Gabardines :

Ótimo acabamento — Máxima economia

RUA DA PRATA, 103-2.º — LISBOA

PREVIDÊNCIA

COMPANHIA DE SEGUROS
CONTRA
INCÊNDIOS E MARÍTIMOS

Sede em Lisboa: Rua do Ouro, 32-2.º

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

SERETH NEU

THÉRÈSE QUINCIA
ÉTUDE

Roman d'une large émotion
psychologique

Dep.: AILLAUD ET BERTRAND

LISBONNE



ALIANÇA COMERCIAL VIDREIRA, L.^{DA}

TELEFONE NORTE 4:215

Sede, Escritório e Armazéns de Vendas

29-1.º, Calçada do Garcia, 31 e 31-A (ao Rossio) — LISBOA

LOUÇAS, VIDROS E ESMALTES

Artigos de zinco e ferro esmaltado:
— Alguidares, baldes, tinas, gaso-
metros, etc.

Ferragens: — Camas, lavatórios, talhe-
res, etc.

Artigos de iluminação: — Candieiros,
bocais, torcidas e mais pertences.

Garrações: — empalhados de 1 a 30 li-
tros de capacidade.

Metais: — brancos, niquelados, latões,
tais como: candieiros, palmatórias,
bandejas, lâmpadas para álcool, etc.

Artigos de fantasia: — apropriados
para brindes: candieiros em separa-
do e em serviços, jarras, garrafas,
copos, estojos e outros objectos.

PREÇOS: SEMPRE AOS MELHORES DO MERCADO

■ Importações directas ■

EXPORTAÇÕES PARA TODO O CONTINENTE E ILHAS

ATENÇÃO!

Interessa-vos anunciar na "ALMA NOVA", porque é uma revista de carácter económico e lida em todo o País, Colónias e Estrangeiro. Pedir prospectos e preço dos anúncios.

PELO MUNDO

NOTAS DO TENENTE X...

O mundo de hoje não é o mesmo que o mundo de antes da grande guerra. A influência desta operou em toda a parte um abalo profundíssimo na organização social dos povos. Uma corrente de ideais mais humanos tende a estabelecer-se. Definir quais serão as classes que devam guiar essa corrente, tem, porém, sido o escolho de todas as nações.

— Quanto a nós julgamos indispensável que o sejam as classes do pensamento. Nada de saltos nem escaladas. A força imprópriamente aplicada só produz o desequilíbrio e a confusão, confusão que, em certas camadas, é o regresso à barbárie.

Olhando de alto o mundo, vemos ser a Europa ainda a detentora dos mais orgulhosos títulos da Civilização. As duas Américas são para ela o melhor motivo de glória. Centro de expansão humana, nas épocas mais recuadas, continua a ser a fornalha de ideias progressoras que alumiam a derrota dos povos. As suas labaredas do oriente lançam, todavia, um prurido de desequilíbrio e confusão em todo os povos...

A-propósito do movimento que se desenha na América a favor da criação duma base naval e militar nas ilhas de Hawai, informam as agências que o Japão não vê com bons olhos esse movimento e que a sua inquietação é aumentada pela próxima visita da frota americana às águas australianas.

Vários jornais dizem até que a América parece temer um ataque japonês àquelas ilhas, pelo que alguns temem chegado a pedir a supressão do cruzeiro e das fortificações do arquipélago.

Por sua vez a América parece também causar alarme a próxima visita dos navios de guerra britânicos ao mar Báltico, advogando-se nos círculos políticos a necessidade de proclamar a lei marcial no distrito de Cronstadt.

Não está ainda tão afastado, como se vê, o perigo de novas guerras.

Na Dinamarca, vai fundar-se uma escola de propaganda bolchevista, em Fredericia, tendo-se já criado em Malmoe, na Suécia, um escritório de literatura, com o mesmo fim. Também com o fim de subsidiar a sua propaganda, sem levantar suspeitas locais, trabalham activamente os «Soviets» para a organização de um Banco em Paris, com um capital subscrito por acções de 10 milhões de rublos ouro.

O Governo italiano reclamou do Brasil uma indemnização de 50 milhões, por prejuízos sofridos pelos seus súbditos durante a insurreição de San-Paulo.

A guerra do Riff continua sem solução. Abd-El-Krin, chefe dos muçulmanos, está na disposição de obrigar a França a sair de Marrocos. Um amigo íntimo do vigoroso chefe muçulmano, afirmou a um jornalista que a

(Continua na pag. 71).

Folhetos e publicações recebidas: «Nove de Abril», palavras proferidas no dia 9 de Abril de 1925, pelo tenente Nuno Beja, numa sessão solene realizada em Coimbra; «9 d'Abril!» (Palavras dum soldado de Portugal), idem, em Visseu, pelo tenente José Brandão; «Boletim Filatélico», da Casa A. Simões Ferreira & C.ª, rua do Arsenal, 70, Lisboa, n.ºs 1 e 2 (indispensável a todos os coleccionadores); «Atlante», revista mensal de História, Literatura, Arte e Ciência, dirigida por José do Vale e Silva (n.ºs 1 e 2); «Revista do Algarve» (n.º 2), a qual continua a afirmar os seus créditos;

«L'exportateur français», grande órgão do comércio e da indústria francesa; «Homenagem a João de Deus», esplêndido número único de «O Messinense», simpático e bem redigido quinzenário de San-Bartolomeu-de-Messines; «Portugal», grande ilustração quinzenal portuguesa do Rio-de-Janeiro; «La Pensée Latine» n.º 52 (Paris); «Esperança», de Oliveira do Bairro, n.ºs 1 e 2; etc.

Recebemos também os primeiros números do excelente semáforo «Comércio de Angola», o qual começou a publicar-se em Loanda, sob a hábil direcção do sr. Gonzaga Martins.

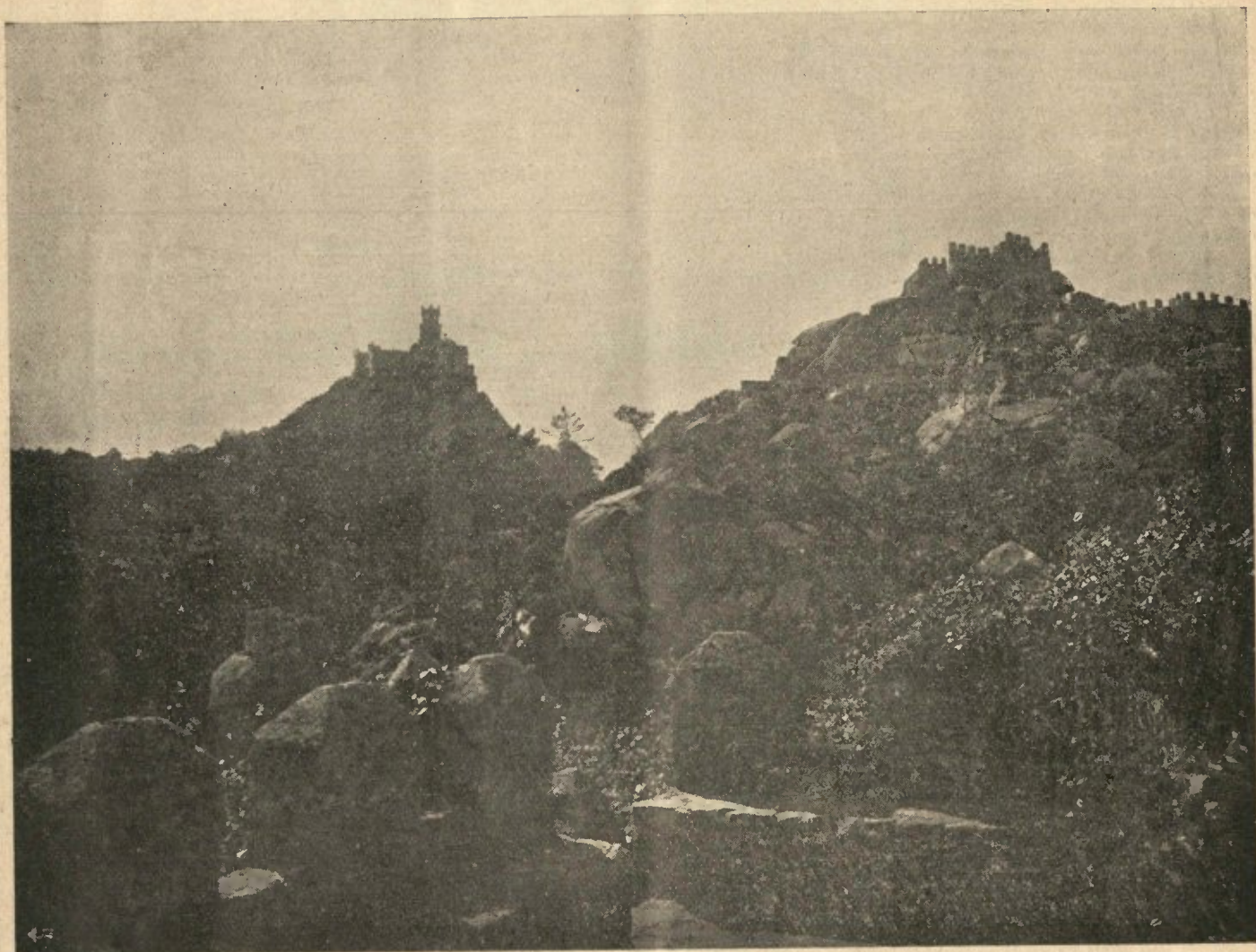
A CRISE DO ENSINO RESOLVIDA EM PORTUGAL

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

CURSOS DE
AERONÁUTICA
AUTOMOBILISMO
ELECTRICIDADE
"CHAUFFAGE" CENTRAL
CIMENTO ARMADO

Ensino sempre por correspondência, todos os cursos em lingua francesa, diplôma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Proporcionam-se colocações aos alunos que os concluem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias úteis das 16 às 18 e das 21 às 23 horas.

Escrever ao representante em Portugal do INSTITUTO MODERNO POLITÉCNICO
Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D — LISBOA



SINTRA MONUMENTAL

De quantas coisas belas a Natureza foi pródiga em dotar Portugal, Sintra — verdadeiro «Paço de Águias reais, feito em granito», na feliz expressão do poeta do «Último Lusíada», Mário Beirão — é, inegavelmente, uma das mais notáveis. Anunciando, para breve, a publicação, na *Alma Nova*, dum circunstanciado estudo sobre a referida estância, estudo subscrito por um ilustre poeta e jornalista local, o sr. Francisco Costa, temos o prazer de presentear hoje os nossos leitores com uma das mais impressionantes e curiosas silhuetas do pitoresco monumento orográfico.

A nossa fotografia representa os dois montes dominantes, onde se erguem, como sentinelas celestes, o «Castelo dos Mouros» e o «Palácio da Pena», e foi tirada pela importante casa «Lazarus», de Lisboa.

C R Ó



N I C A

A «Alma Nova», como órgão defensor dos interesses da grei portuguesa e da possível reabilitação das suas virtudes patrióticas, não podia limitar o seu programa a uma acção meramente contemplativa do passado, sem atrair, na hora difícil que passa, os seus deveres mais instantes.

Assim, dado o enorme público que já tem, por todo Portugal, de Norte a Sul, e ainda no Brasil e nas Colónias, julga de seu direito aproveitar o entusiasmo crescente que esse mesmo público lhe vem dispensando, para nête semear algumas ideias úteis, no sentido duma renovação mental e quiçá política, tendentes ao ressurgimento do país.

Não se assustem, todavia, os conservadores trêpegos, nem os ultra-avuçados; com todos continuaremos a cooperar, até onde for razoável.

A corrente de ideias esboçada por alguns dos mantenedores do patriótico «Núcleo de Ressurgimento Nacional», da «Cruzada Nun'Alvares» e, possivelmente, do «Grupo Seara Nova», encontrará em nós um vigoroso eco. Resta, porém, que os idealismos acabem onde se verifique que são ineficazes...

Por um Portugal Novo! — eis a nossa divisa.

....

Camilo Castelo Branco, — «a única individualidade literária verdadeiramente portuguesa que a nossa história do romance conta, de há cem anos para cá», na opinião, que comungamos, dum dos seus mais eruditos biógrafos, foi também, e talvez por isso mesmo, uma das mais trágicas figuras da dominante galeria dos nossos escritores.

O 1.º centenário do seu nascimento, este ano comemorado, se não viu erguido, afim, o monumento que se projectava, viu pelo menos dedicar-se-lhe mais algumas belas e profusas obras em tómo monumental...

....

A ideia da «Casa de Portugal» no Brasil, iniciativa que tanto nos pode ser útil, vai a caminho das realizações práticas. Mais de vinte mil portugueses aí devem brevemente estar inscritos.

Da Comissão Instaladora da referida «Casa» recebemos o seguinte officio:

«Amigo e Compromissário: Cabe-me a honra de vos comunicar que em conformidade com o preceituado no artigo 9 e seus parágrafos dos nossos Estatutos, foi V... em reunião da directoria do Centro do Algarve, com sede nesta cidade do Rio-de-Janeiro, eleito sócio Correspondente nessa Cidade.

Do vosso mais que comprovado patriotismo e amor à Província onde nascemos muito tem este Centro a esperar do vosso concurso em prol da Obra neste País iniciada com a fundação dos Centros Regionais Portuguezes, alicerces duma outra mais bela e maior, que é a Casa de Portugal.

Descrever-vos o nosso programa é missão difícil; porém oportunamente vos serão enviados os elementos necessários para que V... bem os conheça, permitindo que desde já vos diga que o nosso lema é «Por Portugal!»

Aproveitando a oportunidade de vos apresentar não só os cumprimentos pessoais dos membros desta directoria, bem como os meus próprios, me firmo, Pela Directoria, De V... etc. (a) Francisco das Dores Gonçalves (1.º secretário).

Não podem deixar de estar ao lado de lã simpática cruzada, todos os espiritos patrioticamente intencionados.

Bom seria também que, em Lisboa, a ideia da «Casa do Algarve», há tanto tempo exposta, saísse de rez dos cabocos já lodosos das palavras para a carpintaria desfiliva dos andaimas...

....

Fidelino de Figueiredo, que é hoje uma das nossas mais pujantes organizações literárias, quer como crítico, quer como cronista, foi convidado para assumir a direcção duma grande revista de cultura, de filosofia política e administração pública, de que deverá sair brevemente o 1.º número.

Alheia às lutas partidárias, propõe-se essa revista «contribuir para a organização duma verdadeira mentalidade conservadora, do mesmo passo tradicionalista e progressiva, para opor doutrinas, ideias e factos à mortífera ideologia revolucio-

nária, que tem anarquizado a vida espiritual do país e produzido decasções bem patentes».

Senhor duma alla intuição estética e duma cultura literária e filosófica vastíssima, com as melhores relações no estrangeiro e dirigindo há catorze anos uma revista científica, Fidelino de Figueiredo conquistará, decerto, os melhores louros, com a nova publicação.

....

Para reitor da Universidade de Coimbra, em substituição do deputado nacionalista sr. Cunha Leal, deposto por ocasião do movimento militar de 18 de Abril, foi nomeado o Dr. Henrique de Vilhena, professor muito estimado da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, e director do Instituto Anatómico da mesma Faculdade.

O douto centro universitário pode orgulhar-se de ter no seu seio uma figura de alto prestígio intelectual e moral.

....

Lerara-nos a morte, ainda não há muito, uma das maiores figuras femininas do teatro português — Augela Pinto — e agora mesmo nos acaba de arrebatara outra, dentre as masculinas, — Eduardo Brasão. Tanto a primeira como o segundo mereceram, sem lisonja, o título de Grandes da Scena portuguesa, e torna-se mister que os que vão ficando não se pejem de imitá-los, para que não se converta em desolação o que em nós apenas deve ser saídade...

João Chagas, também recentemente falecido, foi um jornalista político de grandes qualidades e um velho defensor da causa republicana. Preparou com os seus artigos o 31 de Janeiro e, implantado o actual regimen, foi seu ministro e diplomata. Na vacatura do actual presidente, havia probabilidades de vir a ser eleito para a suprema magistratura.

O Governo consagrou-lhe funerais nacionais.

....

Os discipulos e amigos do grande pintor Carlos Reis, preslavam a 22 de Maio, em uma simpática festa realizada nas salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes, homenagem aos allos dotes artísticos do glorioso Mestre.

Columbaão, que devia ter recebido também, no principio do corrente ano, as homenagens dos seus discipulos, mas que por ter adoecido não pôde então recebê-las, vai ter, em fim, brevemente a sua consagração.

....

Muitas publicações portuguezas e estrangeiras se tem referido á nossa revista em termos que não podemos deixar de agradecer, profundamente sensibilizados.

Pena é, de facto, «que não haja bastantes Almas Novas e que a política de todos os que escrevem não seja a da divisa desta revista».

....

Preguntavam-nos há dias: «Mas porque será que se fala e brinca tanto ás revoluções, em Portugal?»

A resposta é simples: Fala-se e brinca-se tanto ás revoluções, porque nunca se peusou a sério na Verdadeira. Essa não se faz, porém, com manifestos políticos, sempre messiânicos ou maus, nem com espadas desembainhadas, bombas e traições; essa faz-se apenas com o alvío e o relha, com o maquinismo e a cartilha, com o coração e a fé.

Eduquemo-nos todos nos bons principios da ordem e do trabalho — virtudes máximas da grei — e os perturbadores profissionais deixarão, próprioamente, de o ser, á falta de ambiente adequado.

....

E' necessário transigir, clamam com ar agressivo, alguns defensores de criminosos sociais.

Nada de transigências nem covardias. O escalracho lava toda a terra, quando o lavrador, ocioso, não procura olhá-lo a tempo.

....

Prevenimos os nossos leitores de que todos os artigos e locais que não levem assinatura são da exclusiva responsabilidade do director literário.

MATEUS MORENO

As nossas Escolas Superiores

O INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA



E UM ESTABELECIMENTO DE ENSINO QUE HONRA O PAÍS

O ilustre director do Instituto, sr. Dr. Francisco António Correia, com o director da *Alma Nova*, numa das salas do modelar estabelecimento

AO iniciarmos a presente série da *Alma Nova*, prometemos percorrer, em devotada romagem, todos os museus, galerias de Arte, «ateliers» e principais monumentos do país, fixando impressões próprias ou escutando os artistas. Entre os monumentos devemos incluir, com innegável justiça, os estabelecimentos de ensino. Eles são os verdadeiros pilares da reconstrução nacional. Não basta o culto do passado; é indispensável preparar o futuro, — e este é função das Escolas. Sem instrução não pode haver progresso, mas sem boas escolas não pode haver bons mestres.

O Instituto Superior de Comércio de Lisboa, de que é director o ilustre homem público, professor e publicista Dr. Francisco António Correia, pertence à categoria das boas escolas.

Dêle pôde dizer, numa recente visita, o sr. Paul Delombre, antigo ministro do Comércio e Indústria de França, que «havia admirado uma instalação que verdadeiramente invejava para a França», afirmação reeditada a um seu colega, Monsieur Chaumet, antigo ministro e deputado por Bordéus, nos precisos termos que seguem:

«Mon cher ami, je connais, vous le savez, toutes nos Écoles Supérieures de Commerce de France, je connais notre École des Sciences Politiques; dans mes nombreux voyages j'ai visité la plupart des établissements similaires de l'étranger, nulle part je n'ai vu une institution aussi parfaite et aussi habilement dirigée. Vous verrez à l'Institut Supérieur de Commerce un établissement modèle et dont nous n'avons malheureusement pas en France l'équivalent comme perfection d'installation.»

Este Instituto é mantido pelo Estado e dependente do Ministério do Comércio e Comunicações, datando a sua criação, como escola autónoma, desde 23 de Maio de 1911, e a regulamentação dos seus serviços desde 5 de Julho de 1913.

Pertence à categoria dos estabelecimentos de ensino superior, com os seus cursos equiparados aos de todas as escolas universitárias portugue-

sas, e o seu fim é «ministrar aos alunos uma instrução desenvolvida e adaptada às necessidades económicas e comerciais do país».

Os cursos actualmente aí professados, são os seguintes: a) *Curso Superior Aduaneiro*; b) *Curso Superior de Finanças*; c) *Curso Superior Consular*; d) *Curso Superior de Comércio*.

O Curso Superior de Comércio constitui a «instrução mais larga que o Instituto fornece, sendo uma integração de todos os outros» e concedendo a obtenção da carta respectiva o título de *Comercialista*. Nos três anteriores procura-se preparar, não simples diplomados, mas funcionários superiores patrioticamente úteis e conscientes das suas missões, quer no país quer nos seus diversos postos diplomáticos do estrangeiro. São eles, pela sua contextura e pelo senso prático que os dirige, «os pontos culminantes do grande plano de ressurgimento do nosso País».

Anexo ao Instituto para efeitos pedagógicos, embora com organização administrativa autónoma, existe o *Museu Comercial*, criado por Decreto de 23 de Setembro de 1912 e de que é conservador um espirito muito culto e zeloso trabalhador, — o Dr. Joaquim José de Barros.

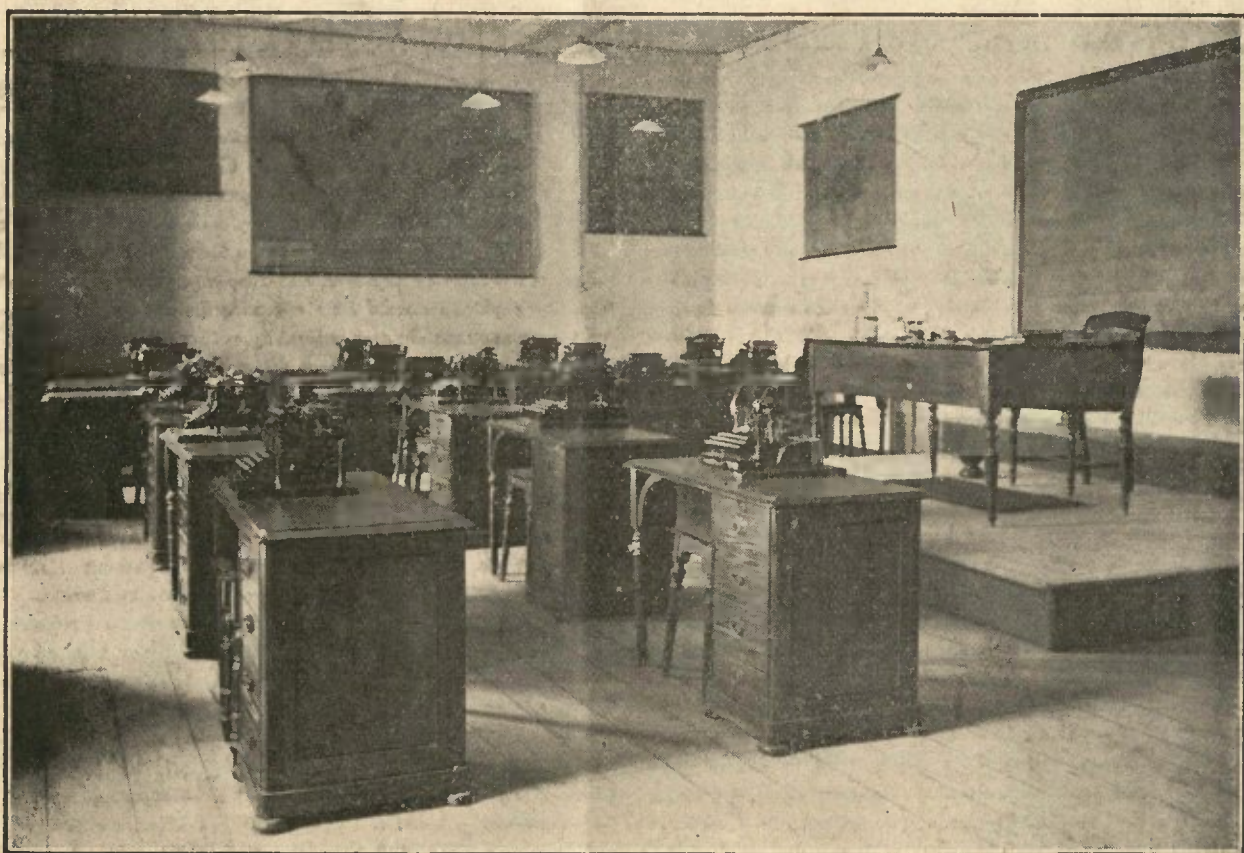
Para poder corresponder aos seus fins de grande informador do comércio (sobre preços, qualidades, condições de transporte, *stocks*, regimes fiscaes, acondicionamento, principais produtores e consumidores, e todos os mais esclarecimentos que possam interessar para conscientemente trabalhar-se o comércio de dada mercadoria), esforça-se o Instituto para que este Museu, que está ainda, de facto, «em embrião», seja transferido para instalação própria, a erguer no vasto terreno onde se achava edificado o antigo convento das Francesinhas, hoje em escombros, e que o Estado já cedeu.

As oficinas tipográficas da Secção de Publicidade deste Museu são já importantes e terão brevemente instalação condigna.

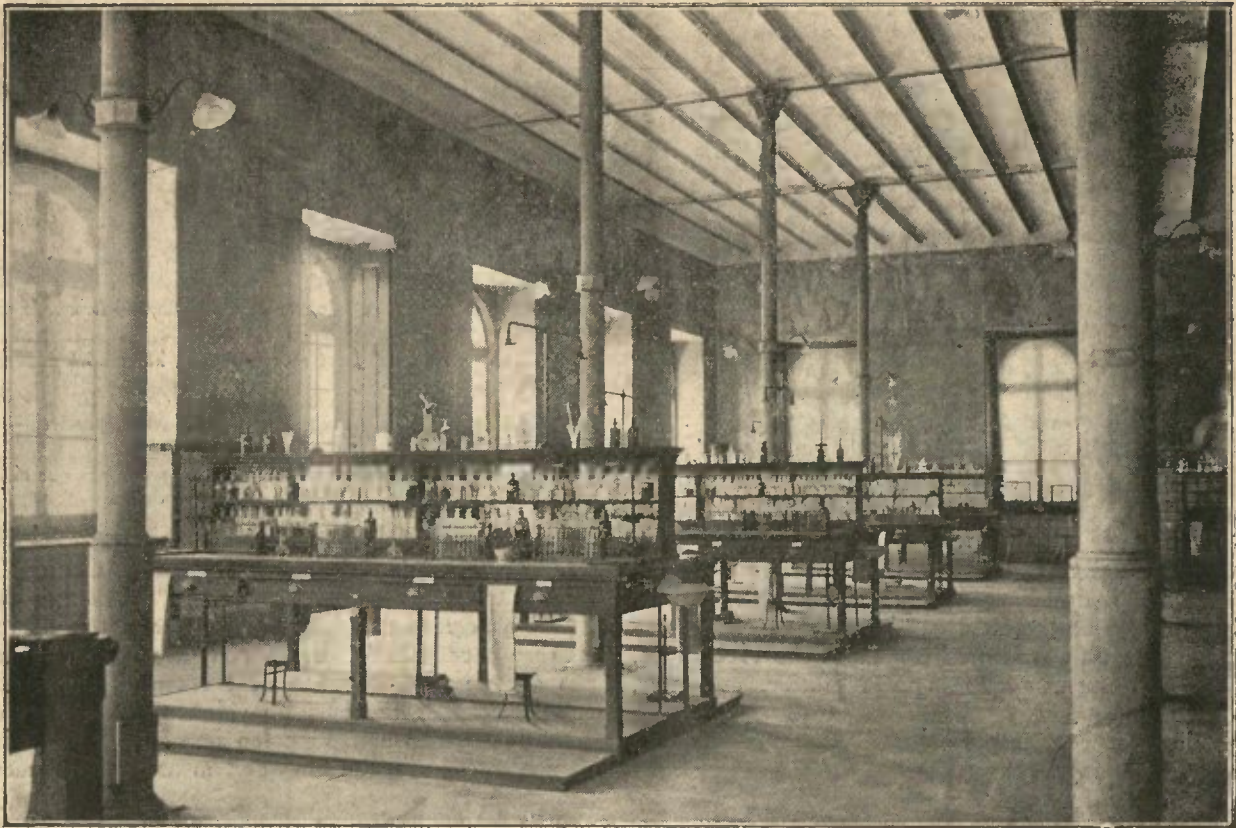
Felicitando o sr. Dr. Francisco António Correia pela alta dedicação patriótica que tem pôsto na direcção de tão brilhante Instituto, festejamos-lhe os nossos maiores agradecimentos pela maneira gentil como nos recbeu.



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA. — ESCRITÓRIOS COMERCIAIS



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA. — ANEXO DOS ESCRITÓRIOS COMERCIAIS



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA. — LABORATÓRIO



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA. — MUSEU

D O U T R I N A N D O

ACÇÃO E FÉ

O espírito é que vivifica. — *Cristo*.

O mundo está cheio de inúmeras possibilidades. — *Leonardo de Vinci*.

O último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. — *Pascal*.

E' falho de prudência o que pronuncia a palavra impossível. — *Arago*.

A experiência imediata da vida resolve os problemas que mais desconcertam a nossa inteligência conceitual. — *William James*.

SÃO numerosos aqueles (e em Portugal, devido às condições especiais desta nação, o seu número é considerável) para quem os sentimentos, as ideias e os factos novos (novos para êles ou novos para o mundo) são escândalos, anomalias, contra-sensos que importa afastar, combater, destruir.

Formado o seu espírito por um determinado conjunto de elementos: exemplos, conversas, leituras...; obtido um critério mais ou menos próprio, adequado ao próprio temperamento, espécie de sinete que passa a acompanhá-los sempre, deu-se nêles uma completa cristalização enquanto a realidade complexa e variável tumultua em redor do seu estacionamento. A sua reduzida e superficial experiência dá-lhes uma reduzida e superficial ideia das coisas. E' para êles loucura, fantasia, ilusão o que não compreendem. A alma que impele as civilizações (especialmente a europeia, hoje espalhada pelo mundo inteiro) não tem para êles nenhuma significação íntima e profunda. As grandes conquistas humanas em todos os campos da humana actividade são de facto, para tais individuos, letra sem espírito; exterioridades fatais em que o homem aparece passivamente como elo duma enorme mas simples cadeia, escravo de leis imutáveis.

Tranquillos na sua estreita e assente visão, tornam-se assim incapazes de admitir o que essa visão não engloba, o que se puseram em estado de não compreender. E abraçados a teorias que mais valor teem pelo engenho que representam da parte de quem as engendrou, ou pelo seu poder eficiente, do que pelo valor explicativo, vivem meros espectadores, quando não sérios estorvos, da criação alheia.

Estes individuos encontram-se em todos os campos: na economia, na politica, na sciência, na arte, na literatura, na moral, na religião, na filosofia, comprometendo-as com a sua atitude; não percebendo os seus renovadores, aqueles que, superiores intérpretes do seu espírito, as remodelam, as vitalizam, as impulsionam à custa dos maiores esforços, dos mais duros sacrificios.

A história do progresso é a educativa história desses esforços e desses sacrificios, donde resulta fundamentalmente (através, por vezes, de tantos erros) o enriquecimento sempre maior da personalidade humana, no seu modo de ser íntimo, nas suas virtualidades; donde resulta o crescente domínio do homem sobre si, a sociedade e a natureza, e donde também resulta a prova de que, se no campo prático a inteligência humana reveste inapreciável importância, no

campo vastamente especulativo não passa duma pobre actividade tergiversante.

E' a acção estimulada pela fé, ainda que servida pelo saber e encaminhada, organizada pela razão, — mas a razão sempre viva, que é a base essencial duma existência verdadeiramente humana, da vida como deve ser vivida e o tem sido pelos heróis e pelos santos, por todas as almas obscuras ou brilhantes em que tem assentado a marcha da civilização.

E desde as primeiras cabanas, as primeiras ferramentas, os primeiros barcos, até aos palácios, às máquinas, aos paquetes de hoje, desde os mais remotos governos autocráticos às modernas democracias, desde a velha escravatura ao proletariado contemporâneo, desde as antigas crenças idólatras à religião do nosso tempo, observamos um insano trabalho amassado em suor e sangue num turbilhão de avanços e recuos, de insucessos e contratempos, crises talvez necessárias na misteriosa ordem das coisas.

Toda esta senda gloriosa e triunfante nos apresenta a história do progresso, senda cheia de porvir, dos mais estupendos imprevistos, a-pesar-da opinião e da atitude dos que tomam o acanhado horizonte em que vivem pelos limites do universo, míopes do espírito para quem só existe o que cai ao alcance dos seus pobres olhos deformados.

O mundo das possibilidades é, pois, um mundo sem fim. A realidade, na sua complexíssima textura, na riqueza imensa dos seus modos de ser, é um manancial inexgotável com que a experiência humana tem vindo, pouco-a-pouco, a tomar útil contacto. As combinações, as leis, as teorias, os sistemas, são resultados desse contacto, balizas provisorias mas instrumentos eficazes, ricos de realizações em que a existência humana se afirma cada vez mais larga.

O homem tem, portanto, diante de si (e isso torna a vida digna de ser vivida) um ilimitado campo aberto às suas mais legítimas aspirações, desde o advento duma sociedade mais justa, no seio de uma natureza mais submissa, (aspirações estas terrenas), até à aspiração mais transcendente: a existência dum Deus pessoal, suprema realidade, origem e fim de todas as coisas, soberano compensador de todos os males. Aspiração esta, aliás, inerente às outras, à forma superior como o homem vive a vida. Uma alma superiormente progressiva é uma alma que entra em contacto com o que quer que seja de divino; sente em si uma presença estranha que a enleva, com ela colabora: vago reflexo, ¿porque não? — desse ansiado Deus...

A. REIS MACHADO.

INTERÊSSES PORTUGUESES

NA AMÉRICA-DO-SUL

(Conclusão)

Antes de falar concretamente da troca de certos produtos com o Rio Grande, acho útil dar aqui os quadros, tirados da estatística oficial brasileira pelo sr. Carvalho Neves, diligente adido à nossa Embaixada no Rio e a quem já me referi, sobre a troca comercial com o Brasil em 1921 e 22. Seguem os quadros, que reproduzimos com a devida vênia:

EXPORTAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL — 1921 e 1922

	Toneladas		Contos brasileiros	
	1921	1922	1921	1922
Vinhos comuns	9:380	13:924	11:449	14:701
Vinhos licorosos	1:476	1:839	6:093	6:044
Aguardente e vermulhs	353	465	1:264	1:306
Frutas diversas	498	2:563	1:024	4:668
Sardinhas e outros peixes em conserva	726	870	1:817	1:966
Azeitona	373	1:152	641	1:872
Azeite	—	290	—	1:406
Rólhas	230	553	746	1:394
Livros, revistas, impressos, objectos escolares, etc.	133	283	700	1:078
Palha para cigarros	146	50	556	593
Palitos para mesa	121	137	435	558
Especiarias	—	159	—	369
Botões	23	22	490	356
Flores, plantas, ervas, etc.	—	143	—	319
Alhos	226	231	368	289
Produtos quimicos	185	131	407	285
Ferramentas, ferro em barra, arame farpado, etc.	93	309	195	254
Pedras, terras, mármore, alabastro, etc.	1:244	986	318	190
Passamanarias, carrolinhos, vidrilhos, etc.	—	5	—	155
Esteiras e capachos	—	24	—	127
Roupas de algodão	17	3	811	119
Joalharia e bijouteria	—	1	—	103
Porcelana e outras louças	59	59	144	98
Vinagre	—	110	—	86
Cal.	—	294	—	82
Pregos	—	35	—	71
Cordoalha	—	21	—	54
Diversas mercadorias	3:037	1:111	3:772	1:704
Total	18:320	25:750	31:230	40:231

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA PARA PORTUGAL — 1921 e 1922

	Toneladas		Contos brasileiros	
	1921	1922	1921	1922
Algodão	3:287	6:036	7:791	16:889
Açúcar	23:029	26:443	13:307	11:858
Couros	1:330	1:703	2:501	4:021
Café	497	1:975	611	3:075
Arroz	4:673	2:730	2:292	1:611
Milho	27:478	6:487	5:549	1:413
Farinha de mandioca	4:052	4:267	1:268	1:141
Fumo	18	787	155	699
Sementes oleaginosas	22	377	21	504
Madeiras	2:716	1:000	640	263
Banha	996	58	1:823	108
Piçaba	106	194	62	107
Cera de carnaúba	37	—	116	—
Sebo	72	—	72	—
Diversas mercadorias	5:288	4:367	3:792	3:314
Total	73:601	56:442	40:000	45:003

NOTA. — Mapas baseados na Estatística Oficial Brasileira. As mercadorias cujos números estão em branco não foram detalhadas em 1921.

Dos quadros organizados pelo sr. Carvalho Neves não deve depreender-se que aumenta a nossa exportação para o Brasil; outras estatísticas nos dizem que ela tem diminuído. O facto novo que esses quadros veem revelar é que a exportação brasileira para Portugal já excede em peso e em valor a exportação portuguesa para o Brasil, quando ainda não há muitos anos aquela era considerada insignificante.



DR. ALBERTO DE OLIVEIRA

Eminente diplomata e escritor distintissimo, nosso ministro plenipotenciário na Argentina

Mais ou menos, os artigos que avultam na nossa exportação para o Brasil, em geral são os que avultam na exportação para o Rio Grande, sobretudo feita por intermédio da praça do Rio-de-Janeiro. Na exportação riograndense para Portugal sobressaem os couros, o milho, a farinha de mandioca, o fumo e a banha.

São gerais, por motivos de política económica e doutra espécie, as restrições postas no Brasil à importação de várias matérias-primas, artigos manufacturados e géneros destinados à alimentação. Os esforços, que ainda agora se fazem para colocar nas diversas praças brasileiras os nossos vinhos, tanto de pasto como licorosos, encontram resistência séria nesse conjunto de medidas adoptadas principalmente com o fim de proteger a agricultura e indústria nacionais e de dificultar o mais possível a drenagem de ouro para o estrangeiro. No Rio Grande-do-Sul, onde a cultura da vinha e a fabricação de vinho assumem já uma importância muito para considerar, as restrições à importação deste produto são maiores que em qualquer outro Estado do Brasil, obedecendo sempre a um ponto-de-vista francamente protectionista.

Na república Argentina e no Chile quasi só podemos pensar na colação de vinhos licorosos, tantos e tão bons vinhos de pasto lá se produzem! O vinho riograndense também nos faz concorrência, pelo menos na opinião de vários importadores de vinhos portugueses, tanto porque é vendido a um preço inferior ao do nosso, como porque o paladar do consumidor, regra geral, desconhece os bons tipos de vinho das diferentes regiões de Portugal que o produzem. O vinho riograndense vende-se assim

à sombra da protecção pautal, mas tem para nós um sabor acre e mofado. É por isso necessário, se não quisermos perder os interesses que ainda temos no Rio Grande, com relação a vinhos, intensificar a propaganda dos tipos aceites pelo mercado. Refiro-me a vinhos engarrafados, de Colares e do Douro, por exemplo.

Em Porto Alegre há quem não veja vantagem numa fiscalização oficial, cá, sobre a pureza dos géneros a exportar, e opine que o que se impõe é a defesa, por tratado, das nossas marcas ou tipos de vinho. No Rio Grande-do-Sul pouco se trabalha em desdobramentos e falsificações. Acontece venderem-se vinhos infitulosos finos mais baratos que os de mesa, mas isto porque estes são verdadeiros e os outros de finos só tem o nome.

O que prejudica seriamente a reputação dos nossos vinhos, pelo menos no centro e sul do Brasil, e perturba o comércio directo deste produto entre o Rio Grande e Portugal, são os vergonhosos desdobramentos que se fazem no Rio-de-Janeiro, os quais permitem a remessa, para outros pontos do Brasil, de vinhos a preços inferiores aos da importação directa. Por isso seria inútil a fiscalização que em Portugal se instituisse à saída dos vinhos. Só a fiscalização na venda a retalho daria resultado, na opinião de alguns importadores. E isto é claro que depende exclusivamente de negociações entre os governos. No meu fraco entender, é este um ponto que deve ocupar a atenção dos negociadores do tratado luso-brasileiro.

Sobre vinhos ainda acrescentarei algumas palavras a respeito do nosso Madeira, que logra ter no Rio Grande muitos apreciadores, mercê principalmente do trabalho da casa de Porto Alegre, Amaro, Soares & C.^a. Pena é que a produção tenda a diminuir, em benefício de outras culturas, e que os exportadores não pouco se mexam para vender um produto que não tem competidores. O vinho não tem grande consumo no Rio Grande, mas chega lá por um preço suficientemente remunerador, apesar das elevadas taxas aduaneiras que sobre ele incidem, e porque não encontra concorrentes no mercado, acho que convinha fazer propaganda, enviar viajantes habilitados.

Ao tempo do meu inquérito realizado no Rio Grande-do-Sul, as conservas portuguesas ocupavam incontestavelmente o primeiro lugar no mercado, quer pela quantidade do artigo consumido, quer pela reputação. Neste capítulo, tanto a indústria nacional brasileira como a dos outros países, quasi não nos faziam concorrência. Só uma fábrica portuguesa abastecia a praça de Porto Alegre de 90 % da conserva que ela comprava. Isto ao findar o ano de 1921.

Neste assunto, como noutros, não devemos descansar. A indústria da conserva no Rio Grande-do-Sul faz evidentes progressos, e nós temos de os seguir e acompanhar, se não quisermos ficar para trás. Nas negociações para o tratado de comércio com o Brasil seria muito conveniente tentar obter vantagens que consolidem a nossa posição, tendo em atenção que o Brasil não deixará de querer proteger quanto possível a sua indústria. A pauta em vigor para conservas é em geral considerada alta.

Os americanos também nos vão fazendo alguma concorrência com a sua conserva de sardinha, mais barata do que a nossa, e na qual empregam, em vez de azeite, óleo de caroço de algodão. A conserva brasileira igualmente é mais barata, de modo que muito conviria desde já que as indústrias portuguesas estudassem a forma de oferecer o seu produto a um preço um pouco mais baixo. Refiro-me às conservas de peixe e de azeitona, as de maior consumo no Rio Grande. As conservas de frutas, postas lá, chegam caríssimas, por terem de suportar direitos de alfândega quasi proibitivos. No Rio Grande-do-Sul, realmente, já se trabalha muitíssimo bem neste artigo, de maneira a justificar semelhante protecção. «Em especial sobre a conserva portuguesa de fumo, é necessário salientar que os italianos nos estão batendo, por empregarem azeite de menor grau de acidez. Não se compreende, pelo menos à primeira vista, porque havemos de nos deixar ficar para trás, quando podemos produzir azeite do melhor.

No Rio Grande-do-Sul só se importa a nossa cortiça manufacturada em rólhas. Apesar-disso, tem a nossa indústria, só neste artigo, certo campo a explorar, toda a vez que se aceitem as indicações adiante expostas. Duma maneira geral, é conhecida a excelência da nossa cortiça, de forma a não necessitar a colocação dela de propaganda especial. Pode-se,



DR. ARTUR BERNARDES
Presidente da República do Brasil

portanto, oferecer a rólha por carta, na qual sejam oferecidos informes completos a respeito de qualidade, quantidade de que se dispõe, preços e condições de venda e de pagamento. Igualmente é indispensável, pelo processo da epistola, enviar amostras das espécies oferecidas, nos diferentes calibres.

A concorrência que teríamos a temer da Espanha em tempos normais, não é agora para recear, em virtude da alta da peseta, que dificulta seriamente a importação do país vizinho. A cortiça manufacturada que tem maior consumo é a rólha para garrala, nos vários tamanhos mais comuns. Muitas casas portuguesas vendem f. o. b.; seria preferível vender c. i. f.

Poderia ocupar-me aqui em detalhe de outras exportações portuguesas para o Brasil, como a de palitos, plantas medicinais, de tinturaria, ferragens, cutelarias, esteiras e capachos do Porto, roupa de linho e de algodão, objectos de ouro e prata, louças e porcelanas, etc., etc., se isso não transformasse o pequeno estudo de conjunto oferecido à *Alma Nova* num verdadeiro relatório, longo como aqueles que a lei obriga a enviar à Chancelaria, tirando-lhe também todo o sentido de proporção vislo, como não dessemos a maior detalhe relativamente ao exame dos nossos interesses na república Argentina.

De resto, todos os artigos que não sejam os vinhos, as conservas, a cortiça, os livros (de cujo comércio vou agora ocupar-me, para terminar), aparecem na estatística com um valor relativamente pequeno. Os palitos, por exemplo, com pouco mais de metade do valor dos livros e outros papéis impressos.

O comércio de livros portugueses no Rio Grande não encontra hoje outros embaraços que não sejam os resultantes da aplicação das nossas próprias medidas, sobretudo pelo que respeita a taxas postais. Também não se vendem mais livros porque melhor propaganda não temos sabido fazer. Livros portugueses de ciência, de arte e de literatura, música, tudo encontra no Rio Grande, como em todo o Brasil, aquele acolhimento carinhoso que os brasileiros sempre tem sabido dispensar ao que vai da nossa terra. Não é este o lugar para fornecer a explicação de tais factos, de resto sobejamente conhecidos e compreendidos da parte pensante da sociedade portuguesa.

As encomendas de livros são feitas por catálogo ou à vista de prospectos. O nível de educação e de cultura geral no extremo sul do Brasil é mais elevado do que todos supõem aqui, no jardim da Europa. Muitos dos nossos escritores são, sem dúvida, relativamente mais conhecidos e apreciados lá do que em Portugal. Muito convém, pois, elucidar o público brasileiro acerca das obras diversas que a nossa indústria livreira tem dado à estampa nos últimos anos, emfim, aproveitar o mais possível esse modo de fazer política de aproximação, que consiste em oferecer ao espírito brasileiro o produto melhor da nossa actividade intelectual, por qualquer forma que ela se manifeste.

A colaboração de portugueses nos jornais do Brasil também do mesmo modo é muito apreciada, ouvindo eu por exemplo em Porto Alegre constantes elogios às crónicas do sr. João Grave para o *Correio do Povo* daquela cidade. E tive a satisfação, ao deixar o Rio Grande-do-Sul, de trazer o convíte doutro jornal riograndense a escritores portugueses para que aí colaborem com uma revista quinzenal dos acontecimentos salientes da nossa vida social e artística. Mereceu-me, como era natural, enquanto estive no Brasil, especiais cuidados o intercâmbio de ideias. Mais de um professor de ensino superior de Portugal e do Brasil eu pus em contacto, para o efeito de correspondência e permuta de trabalhos. Mais de uma escola ou estabelecimento anexo recebeu a minha visita, a fim de averiguar do progresso científico de que porventura possamos também aproveitar, assim como todos os artistas portugueses que foram ao Rio Grande durante a minha permanência podem dizer da boa vontade que encontraram da minha parte em os ajudar a atingir os seus intuitos.

Julgo assim ter feito, durante três anos, obra de aproximação luso-americana. Das minhas primeiras comissões diplomáticas no estrangeiro guardo felizmente a melhor das lembranças, e só peço a Deus que a ocasião continue a deparar-se-me de colaborar na tarefa, tão importante e atraente, da defesa dos nossos interesses espalhados lá fora, sobretudo pelo espírito de aventura dos meus compatriotas.

Lisboa, Setembro de 1924. J. M. DE BETTENCOURT FERREIRA.



O Pão de Açúcar — Rio-de-Janeiro

Quadro oferecido pelo Brasil ao Dr. António José d'Almeida, quando da sua viagem presidencial àquele país

FIGURAS DO MÊS

CAMÕES não é apenas a mais alta figura literária de que pode orgulhar-se Portugal, mas o verdadeiro símbolo da fé nacionalista que alumia os destinos portugueses.

Pretender evocá-lo é, por isso, quasi pode dizer-se, um pleonasmio. Êle deve estar,



LUÍS DE CAMÕES

Retrato pertencente a uma edição dos «Lusiadas»

constantemente, nos nossos pensamentos e nos nossos actos.

Julgamos, porém, ser justos para com a memória augusta do vate e do herói, aproveitando o aniversário da sua morte, para recordar, nos dois artigos que seguem, os méritos e virtudes que o impõem ao nosso culto.

RELENDO CAMÕES

POR FIDELINO DE FIGUEIREDO

DESDE alguns anos o dia 10 de Junho é consagrado ao culto de Camões, em todas as escolas portuguesas. Nesse dia a retórica oficial encontra um tema suficientemente vago e tolerante para comportar as mais audaciosas imaginações, os mais vastos lugares comuns, enquanto a sensibilidade popular por uma sobreposição cronológica queima foguetes e lança os descantes, que antigamente reservava para o dia próximo de Santo António de Lisboa.

Mas para almas de eleição, esse dia em que se apagou a vida mais ardente de patriotismo e emoção lírica que ainda se exprimiu em língua portuguesa, é um pretexto para reler e meditar algumas páginas da epopeia sem par e do lirismo, que lhe disputa primazias.

Reler é um dos mais sedutores e fecundos encantos da vida espiritual. Não posso conformar-me com o laconismo de Faguet, que no seu livro engenhoso e penetrante *L'Art de lire*, tão pouco disse desse superior acto de reflexão. De reflexão lhe chamo, porque aquele que relê reflecte do mesmo passo sobre as obras e os autores, que foram seu alimento espiritual em tempos idos, e sobre o longo percurso da vida feito desde a primeira leitura, quantas vezes leviana e apressada!

Quis há pouco que os meus primeiros cabelos brancos meditasse aquele violento drama amoroso de Werther, que há um quarto de século me comoveu as lágrimas. Mas o leitor de hoje, endurecido pela carreira da vida e com uma diferente noção dos valores morais e estéticos, conservou-se frio e limitou-se a admirar o equilíbrio, a gradação sóbria do romance epistolar. E se quis encontrar-lho mais algum interesse, teve de o considerar no ponto-de-vista histórico-literário. Fui ver o que havia de verdade e de imaginado, quais as fontes de realidade de que se inspirara Goethe. E ao saber, pelas memórias de Kestner, ministro do Hanover em Roma e filho da formosa Carlota, que a narrativa de Goethe fundia dados verdadeiros de paixão realmente experimentada pelo poeta com o desfecho de outro fatal caso de amor, ocorrido na pequena cidade de Wetzlar, e em que fôra protagonista um arrebatado secretário de embaixada — se a minha emoção literária se limitara, o meu cabedal de informes alargou-se. Mas a simpatia por esse olimpico Goethe não aumentou, tão egoista o encontro sempre até nos próprios amores, quer os juvenis, como com Carlota, quer os serôdios, como com Bettina.

Este ano fui reler Camões para procurar o que de sólido e de perdurável contém a sua epopeia que a imponha à veneração fiel daqueles em quem o excesso de leitura possa ter produzido certa limitação de sensibilidade. E sem me comover com as lágrimas de Inês ou as cóleras de Adamastor — para mim a maior produção camoneana — surpreendi-me com a genial receptividade do espírito de Camões.

O poeta possuiu com segurança admirável a cultura do seu tempo, assim a científica como a humanística, a estrangeira como a nacional. O seu poema tem assim resistido às mais penetrantes e inexoráveis análises.

Estudando-se-lhe as fontes, verifica-se a abundância de autores que manuseou, o cuidado com que abonou os seus dizeres num poema, que sendo obra de arte não deixava de ser obra histórica, quanto aos materiais com que se tecia; mas também se admirará a metamorfose que tais materiais sofreram ao volver-se nas inspiradas estrofes de poeta.

Foi o illustre prof. José Maria Rodrigues quem apurou as fontes literárias dos *Lusiadas*, servindo-se, para a sua busca, do método que poderemos chamar estilométrico, que precisará ainda de ser completado por outro que considere não só a linguagem, mas a própria contextura da ficção. Neste aspecto mais vasto, as fontes principais dos *Lusiadas*, que são uma epopeia clássica, serão os modelos de antiguidade; mas mais restritamente, quanto à forma e aos materiais históricos, as suas fontes são: o arqueólogo André de Rêzende, poeta latinizante, criador da palavra «Lusiadas», no sentido de filho de Luso, fundador da Lusitânia, ou portugueses, ao qual Rêzende foi Camões buscar ainda as noticias que dá sobre a velha Lusitânia; os crónistas Duarte Galvão, responsável por alguns erros históricos do poema, Fernão Lopes, Rui de Pina, Damião de Góis, Lopes de Castanheda e João de Barros, dos quais tomou toda a tecitura histórica; o poeta António Ferreira, a quem teve por inimigo, e o novelista Francisco de Moraes, dos quais receberam modos de dizer que aperfeiçoou.

Dos estrangeiros, além dos épicos clássicos, foram Petrarca, Boccaccio, Ariosto e Marco António Sabellico os de maior contribuição.

Humboldt salientou a veracidade das suas descrições naturais e o Conde de Ficalho, botânico de profissão, reconheceu como eram seguros os seus conhecimentos da flora tropical, de que enumera dezenas de espécies caracterizadas com justeza e sóbria elegância.

Só claudicou quanto à geografia botânica, ao localizar a Ilha dos Amores nos mares do oriente, povoando-a de plantas mediterrâneas, as que o poeta já observara demoradamente na sua pátria e vira idealizadas nas bucólicas dos clássicos. Mas fê-lo proposadamente, porque a ideia de edénico lugar de delícias, que queria oferecer aos descobridores portugueses, só a comprehendia o seu espirito quando colorida e adornada como um recanto da Pátria estremeçada. Fazer o contrário seria sacrificar ao exotismo a tranquillidade de emoção dos fatigados marinheiros.

Ainda que menor que a sua flora, a fauna dos *Lusiadas* é também variada e exacta.

O poema regista quarenta-e-quatro espécies, ou para se abonar nas suas mais onçadas imagens quando desereve a braveza indômita dos portugueses, ou para caracterizar as longínquas paragens, por onde navegavam os uarinheiros de Vasco da Gama.

E so a sanguessuga é para o poeta inexplicavelmente rôxa, está hoje apurado ter havido focas ou lobos marinhos no Mar tenebroso antes das navegações portuguesas — como êle diz. E interpreta-se a moleza do coral sob a água e o seu endurecimento fora dela — de quo o poeta fala — pelas idéias do tempo, que mal explicavam o facto de se desfazerem os seus tecidos superficiais e persistir a armação interna.

Estudaram a fama dos *Lusiadas*, os zoólogos José Sequeira e Baltasar Osório em memórias bem estimadas dos camoneanistas.

Do saber geográfico atestou Borges de Figueiredo, que desenhou a *Carta Geographica dos Lusiadas* e mostrou a segurança e vastidão de notícias, que Camões possuía, quer acêrca do mundo mitológico e a sua provável equivalência real, quer das concepções geográficas dos antigos e das aquisições trazidas pelos descobrimentos da Renascença. Não só identificou os lugares, mas soube defini-los por uma característica predominante, de etiografia ou economia.

Maior ainda foi o seu saber, ou mais demoradamente buscou ostentá-lo, em matérias astronômicas.

O canto x dos *Lusiadas* é a descrição da máquina do mundo, segundo o Sistema de Ptolomeu. Copérnico já desde 1543 opusera a vella hipótese o seu heliocentrismo, nos vellos tempos entrevisto por Ariostarco, mas esta concepção era ainda ao tempo de Camões uma novidade discentível, a que não se rendera o próprio Pedro Nunes, cosmógrafo-mór do reino e professor da Universidade de Coimbra.

Ptolomeu, o Almagesto dos árabes, a *Margarita Philosophica*, de Reich e o *Tratado da Esfera*, de Pedro Nunes, terão sido as fontes essenciais do saber astronômico de Camões. As suas noções dessa sciência, analisadas pelo prof. Luciano Pereira da Silva, foram por êste autorizado especialista tidas como surpreendentemente exactas, ao ponto de valorizarem aquele canto dos *Lusiadas* como modelar peça de poesia didáctica.

A descrição da máquina do mundo, feita pela deusa Thetis, a contagem do tempo pelas lmações e pelos signos de zodiaco, a nomenclatura complicada da teoria ptolomaica — os excêntricos, deferentes, epiciclos, empírios, auge e equantes — tudo ali aparece num grande relêvo de arte, magicamente volvido em simples peça poética, duma admirável expressão. Também a prioridade portuguesa do descobrimento da constelação do Cruzeiro do Sul, um momento atribuido a Dante, o poeta registou. E este ponto-de-vista do prof. Pereira da Silva foi logo confirmado pelo prof. Mieli, da pátria de Dante.

Todas estas coisas eu pensei e gozei mentalmente, relendo Camões, para lhe dar no seu dia o óbolo do meu espirito.

Mas, ao fechar o poema, rodeava-me toda uma biblioteca camoneana. Então pensei que, se agora relera melhor, só intressara a intelligência; mas as obras como os *Lusiadas* devem ler-se também com o coração, no alvor das suas canduras juvenis, aberto a todos os impulsos generosos, pronto a receber da arte os seus férteis influxos. E acabei por me contradizer: como o primeiro amor, a primeira leitura dum grande poeta revela tesouros feiticórios e inolvidáveis...

(Do livro: «Torre de Babel»).

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

* * CAMÕES * *

E A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

A 10 de Junho de 1580, Camões expira em Lisboa, quasi abandonado, pobre e só, tendo tido a fortuna de não assistir ao desmembramento da sua Pátria.

Perdido D. Sebastião nas plagas africanas, esquécidas, já de todo, as palavras patrióticas de Phœbus Moniz, nas memoráveis côrtes de Almeirim, morto o Cardeal D. Henrique, mal sucedido o gesto nobre do Prior do Crato no combate de Alcântara, de 25 de Agosto de 1580, Portugal cai nas garras do velho leão de Castela.

Como um grito de remorso, e um pregão de revolta lançado às gerações futuras, que tão pacífica e cobardemente receberam o domínio espanhol, Camões deixa, aqui e além, nos *Lusiadas*, seu único tesouro, palavras de incitamento, a favor do Portugal velho e desorganizado, que êle tanto amara.

¿O que são os *Lusiadas*?

O Padrão mais imorredouro das nossas glórias; o Livro de Ouro da nossa literatura.

E', em minha opinião, aos *Lusiadas* que os portugueses devem, em grande parte, o feito nobre e arrojado do dia 1 de Dezembro de 1640.

¿Acaso seria possível a Restauração de Portugal, se, dentre a baixeza em que então se vivia, nós os portugueses não tivéssemos, para nos embalar e para nos amparar, os *Lusiadas*, quando nos dizem:

Como? da gente ilustre portuguesa
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? desta provincia, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sair quem negue ter deieza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De portuguez? e por nenhum respeito
O próprio reino queira ver sujeito?

Como? não sois vós inda os descendentes
Daqueles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?

Poderia ser bem sucedido êsse acto de desespero, quasi que milagroso, se os quarenta fidalgos capita-

nados por João Pinto Ribeiro, almas do antigo português, rijo e audaz, de «antes quebrar que torcer», não acreditassem que ainda mais uma vez seria realizável o que Camões houvera dito:

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que outro valor mais alto se levanta?

Creio que Portugal, nessa gloriosa manhã, se não libertaria do jugo da Espanha, se, junto a todos os factores que determinaram a Restauração, êle não possuísse as páginas brilhantes da sua História e se estas não tivessem sido cantadas nos versos heróicos do grande Vate, os quais tão cruelmente nos mostram a grandeza passada

Da gente ousada mais que quantas
no mundo cometeram grandes cousas,

ofuscada e ultrajada pela decadência de então.

Penso, que, se não tivessem existido os *Lusiadas*, a Restauração de Portugal se não daria, ou, pelo menos, tão cedo, pois só os exemplos nobres obrigam.

*

Mais de quatro séculos são passados após a tua morte, ó divino Camões, e o teu nome e incitamento ainda são venerados com carinho e amor, com saúde e respeito; e sê-lo-hão sempre, nesta Ocidental praia Lusitana, emquanto nela existir a Pátria de Viriato, dos Gamas, dos Albuquerque, dos Cabrais, dos Castros e de toda essa plêiade de heróis que a tua história aponta,

... ó ditosa pátria minha amada!

Mas ainda que os *Lusiadas* não tivessem contribuído para incutir aos portugueses de 1640 a Fé, o ardor e a Esperança que os levaria à vitória, êles fizeram com que Portugal fôsse conhecido, amado e respeitado universalmente e collocaram Camões, o poeta soldado, a-par de Dante, Tasso, Milton, Virgílio e Homero.

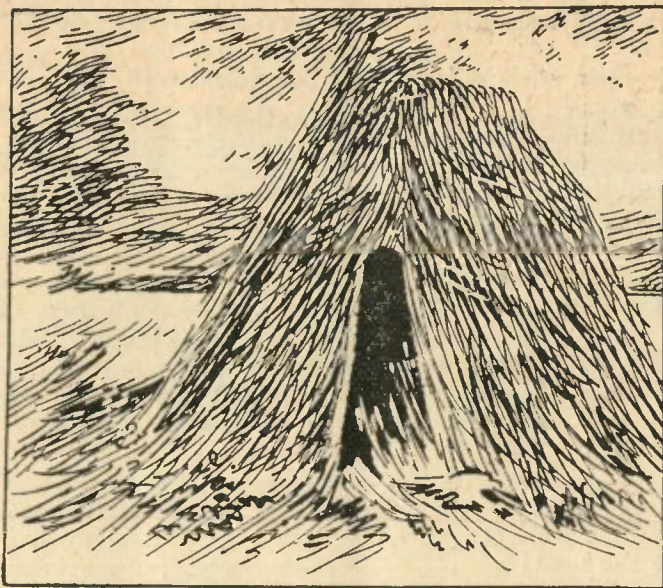
(Inédito).

NUNO CATHARINO CARDOSO.

:::

ETNOGRAFIA ARTÍSTICA

:::



CABANAS DO ALTO-ALENTEJO

«No molle colmo, no grosseiro abrigo,
Convertia as fadigas dos pastores
Em doce languidez o somno amigo.»

Bocage, *Odes Pótticas*, 1875, II, 220.

LOGO depois do Barreiro, aos lados da via férrea, vêm-se na campina extensa *cabanas* de palhagem e caniço. Pardacentas a princípio, na paisagem fecunda de água e verdura, vão depois confundir-se mais adiante com a côr sêca do chão morto, quando as searas desapareceram já.

Notam-se ao canto de um hortejo, — à beira de uma vinha, — arrumadas a uma braçada de casas chãs, mui brancas, — ou num descampado a pleno sol, acolhendo-se, quando o podem, à sombra protectora de eucaliptos, que da terra baixa são mais altos e sobem para Deus a pedir água.

Servem de abrigos e de vivendas e uso agrícola e pastoril. No Alto-Alentejo, de sol ardente, cultura activa, e grande pascigo, de escassa pedra, estas *cabanas* surgem de toda a parte. O arvoredado rico, as searas infinitas com a dádiva de palha bemfeitora, o mato de piorno e estevas olorosas, as lagoas hibernais, que se somem de verão, e fornecem com os ribeiros a palha-carga, afiada como gumes, o boinho e o junco, tudo concorre a dar a matéria-prima da construção de *cabanas* leves e duradouras.

Na fase interglaciária do paleolítico inferior, a temperatura permitia que o homem do Chellense instalasse a *cabana* de colmo em pleno ar, à margem dos rios⁽¹⁾. Mas no período paleolítico médio, uma fase glaciária, o homem do *Moustierense* teve de se refugiar nas cavernas e abrigos naturais, contra o frio e a humidade.

Ai ficam os *trogloditas* até o fim da idade quaternária do pleistoceno. Depois, no período neolítico e na idade do bronze, as tribus edificaram nos vales, nos planaltos, e nas águas dos lagos, verdadeiras aldeias⁽²⁾ de *cabanas*, feitas

de troncos, de árvores, ramos, palhas⁽¹⁾ e tecto de colmo, ludo calafetado com barro amassado ou terra⁽²⁾.

As mais antigas habitações dos aldeãos de Roma eram de madeira [Vitruvio, IV, 6, 1], e a forma conhece-se pelas urnas funerárias de Albano, com tecto de colmo, de duas [*tectum pectenatum*] ou de quatro vertentes [*tect. testudinatum*]⁽³⁾.

A *cabana* do cultivador da Grécia e de Roma (*Tugurium*) foi o ponto de partida para a grande construção; as populações antigas estiveram por muito tempo entregues à vida rural; e depois, nas cidades, tomou-se o tipo de *cabana* campestre de tecto de colmo, que mais tarde se adaptou às novas necessidades e condições da vida. A forma era rectangular; as primitivas tinham tecto cónico de colmo, e eram feitas de ramagens e argila⁽⁴⁾.

A cabana de Rómulo no Capitólio era, segundo Vitruvio (II, 1), coberta de colmo (*culmen*). Das da Gália, fala César (*De Bello Gallico*, V, 43, 1). Da Germânia, Tácito (*Germania*, I, 6). Na Lusitânia o costume foi idêntico⁽⁵⁾; nas estações neolíticas encontram-se pedaços de barro com sulcos da cançada das paredes e tecto.

(1) Os Veddahs de Ceilão fazem as *cabanas* com troncos e casca de árvores; os Hotentotes, no S. da África, com páus e esteiras; os Esquimós com troncos de árvores reunidas ou de madeira; e são os *chimbéques* de palha no Congo; as *cabanas* cónicas de troncos e folhas de jueca, dos «ranchitos», dos «péons» do Rio Branco do Norte, no México; os Beduinos de África e da Arábia usam *cabanas* de madeira ou de canas; há casas de bambú e barro, na Índia, ricamente decoradas nos Melors, do vale do Ganges; em Yeddo (Mionoska) no Japão, há *cabanas* cobertas de colmo, com uma parte mais alta, coberta de terra, onde se semeiam lírios azuis.

(2) Ed. Clod. *História resumida do homem primitivo*, trad. de Teixeira Botelho, 1905, p. 158, 159. *A Guide to the antiq. of the Stone Age, do Brit. Museum*, p. 75, fig. 83. Reconstituição de uma aldeia lacustre, préhist. no Musée Nat. Suisse de Zürich: A. Schenk, *La Suisse préhistorique*, Lausanne 1912, no princípio.

(3) Merquardt, *La vie privée des Romains*, I, 253-54.

(4) Vitruvio, *De Archit.*, II, 1, 3 e 5.

(5) Vitruvio, *id.*, II, 1, 3-4.

(1) Déchelette, *Manuel d'archéologie préhistorique*, I, 91.

(2) *Id.*, I, 91-92.

Quando a pedra entrou na construção, continuaram a empregar-se os tectos de côlmo. Era a cobertura das casas dos nossos *castros*. Como nas casas da época mi-nóica de Creta, associar-se-ia, por vezes, a madeira com a pedra; por exemplo, a pedra nos planos térreos, e a madeira para cima ⁽¹⁾.

Os povos selváticos de hoje usam ainda *cabanas* de ramos e côlmo, como construção normal ⁽²⁾. E em toda a Europa é corrente a sua aplicação em aldeamentos, ou isoladamente ⁽³⁾.

Na Camargue (Provença), as *cabanas*, onde habitam os guardas dos rebanhos, são de madeira e côlmo, mas a fachada ao sul é de alvenaria para resistir ao mistral ⁽⁴⁾.

Em Portugal temos destas edificações rudes, mais ou menos parecidas com as primitivas *cabanas*, nos palheiros sôbre estacaria, no litoral, e entre êles na praia de Covade-Lavos (Figueira-da-Foz), como nas cidades lacustres ⁽⁵⁾, em casas de taipa (Lobrigos, Fontes, etc.), nos côlmos de Barroso ⁽⁶⁾, nas *cabanas* agrícolas e pastoris de todo Portugal, mas sobretudo no Alentejo.

E' pois larga a genealogia.

Partindo do mais simples para o mais complexo, as *cabanas* do Alto-Alentejo são de três tipos:

- 1.º — de quadros móveis, transportáveis;
- 2.º — de ramaria leve e de palha, em forma de guarita;
- 3.º — de construção mais completa, com ramaria pesada, camadas sobrepostas de colmado, e em forma de casa, rectangular por via de regra.

O 1.º tipo corresponde à barraca dos caçadores nômadas. De uma extrema simplicidade, o pastor, a quem estas *cabanas* servem, leva-as consigo, conforme o rebanho muda de poiso. Chama-se *cancela* ou *grade*. Forma-a um quadro de mato e palha, que se enche de ramagem; é rectangular; por um dos lados maiores firma-se no chão, e o quadro fica bem inclinado, apoiando-se o outro lado maior em dois espeques, um a cada ângulo; o pastor deita-se-lhe debaixo. A frente fica desabrigada, e os lados são tapados com dois quadros, menores, que se encostam nos topos do outro, e se chamam *cancelins* ou *espelhos*. O pastor vira a *cancela* contra o vento. A êste tipo se deve de referir o pastor da *Égloga Basto* de Sá de Miranda, quando diz:

Vês tu minha *cabana*?
Se o tempo muda, assi
A mudo eu ⁽⁷⁾.

Cancela ou *cancelins* são do mesmo material: ramos do esqueleto [*paus*] e a palha ou esteva, piorno, etc., que formam o *tapilho*.

Ao 2.º tipo de *cabanas*, pertencem as *çoças* (metátese de *choças*). Teem a configuração de guarita cônica. A armação de suporte é feita de *paus*, cobertos de *tapilho*. Em cima, o *tapilho* cruza e passa de um para outro lado, de sorte que o tópo fica boleado; outras vezes remata em bico; e ainda se vê também a palha sobejar no alto, e enrolar-se, apertar-se, torcicolar-se, como um pinásio. São as *cabanas* dos guardas do gado com pousio certo e fixo, e das lavouras. Nas vinhas, pomares, meloais, elas teem por vezes escutas ou miradouros para o guarda espreitar,

a que chamam *óculos*; estas *choças* dos guardas de vinhas e meloais também vulgarmente se designam por *csperas*. Os *ganadeiros*, que se acolhem à *çoça*, são os *porqueiros* que devem de ficar ao pé da *malhada*, ou ovelheiros que voltam com o rebanho ao redil fixo. Em geral a *çoça* tem entrada livre, raramente é servida de porta. E' a *casula* dos Romanos ⁽¹⁾.

A's vezes as *çoças* teem forma alongada, o que se dá com certas circunstâncias, como na de se arrimar fortemente a uma azinheira. Sai então um ramo grosso, apoiado no verticilo de duas pernas, e vai assentar numa forquilha; o *tapilho* cobre a armação de um a outro lado dessa trave mestra; nesta *çoça*, o pastor deita-se em maca formada de um rectângulo de quatro paus, recheado de palha, onde põe o *fato*. Perto, sob uma azinheira larga, está o curral, redil de lenha com uma cancela, onde a vara de porcos passa a noite, abrigada da *marèzia*. Fica uma *pocilga* dêste arranjo nas terras do Lavrador das Correias, junto da *Serra* da Jordana, em Santa Vitória do Ameixial (Extremoz).

No 3.º tipo de *cabanas* estão as que tomam o feilho de casas. Estas servem para moradia, estábulos, ou arrecadação da alfaia agrícola e produtos de cultura. Teem a designação genérica de *cabanas*, e são as *cabanas propriamente ditas*, por servirem de habitação permanente, ou uso constante e contínuo, enquanto as outras espécies são de uso restrito para guarda e vigilância, não permanente. Os tectos são de dois planos; 1.º — assentam sôbre estacas; 2.º — ou sôbre madeiramento horizontal e êste sôbre estacas; 3.º — ou sôbre madeiramento completo de alto abaixo, fechadas de flanco, ou de *paus* e *tapilho* por paredes. São abertas nos topos, ou fechado um dêles, ou ambos fechados e então com uma porta. A esta applica-se por vezes à frente uma espécie de alpendre de mato e palha, que vai apoiar-se em dois esteios.

Também se vê comunicarem pelos *frazes* com outra cabana menor, encostada a ela, o que succede se a primeira é de habitação e a segunda de curral, aonde os donos levem com facilidade a *travã* aos suínos.

Estas *cabanas*, quando servem de estábulo, albergam o *gado-de-carro*, tanto as *bêstas* (cavalos e muares) como os bois. Pelos *redis* fixos e pelos *bardos*, anda o gado miúdo, o adulto e a criação.

Há um outro abrigo temporário, de folhagem, para o Verão, a uso de homens e animais da lavoura. São os *sambulachos*. E' um caixilho rectangular de *paus*, suportado pelos cantos por estacas a prumo com bifurcação na ponta; êsse caixilho é cheio de ramagem de *choupo*; dos lados o abrigo é aberto. Nêle se acolhem de Verão os trabalhadores na hora da sesta, e outros se fazem para os animais que andam na *arefa*.

Todas estas *cabanas* são fixas, excepto a *cancela* ou *grade*. Mas há uma outra espécie armada num carro, ou num estrado com rodas. E' de madeira ou de mato, e serve aos pastores que mudam constantemente de lugar. São os *sôchos* ⁽²⁾.

O *tapilho* das *cabanas* é de palha-centeia e mato (palha-carga, esteva, junco, buinho, piorno). Forma camadas sobrepostas, e nas *cabanas* grandes é ainda apertado com fasquias ou varas pregadas.

As *almearas* (mêdas) de palha, conforme ela se lhes vai tirando, esburacam-se e ficam como cabana que dá perigosa acolhida, por serem frequentes os desmoronamentos

(Des. de Saavedra Machado).

LUÍS CHAVES.

(1) Ang. Mosso, *Le Origini della civiltà mediterraneo*, p. 280.

(2) Cabanas da Nova Guiné: *Man*, IV, 33. Hoernes *Die Urgeschichte der Menschen*, 127, 131, etc.

(3) Ver *Ostdeutsche Haustype*, in *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. XLIV, ns. 377, 380, 384, etc.

(4) Dalinowicz, *L'art rustique français. — l'art provençal*, cap. VI.

(5) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, I, 59.

(6) Rocha Peixoto, *A Casa Portuguesa*, nos *Serões*, 2.ª série, vol. I, 1905, p. 106 e ss.

(7) *Poesias*, ed. de D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos, p. 180.

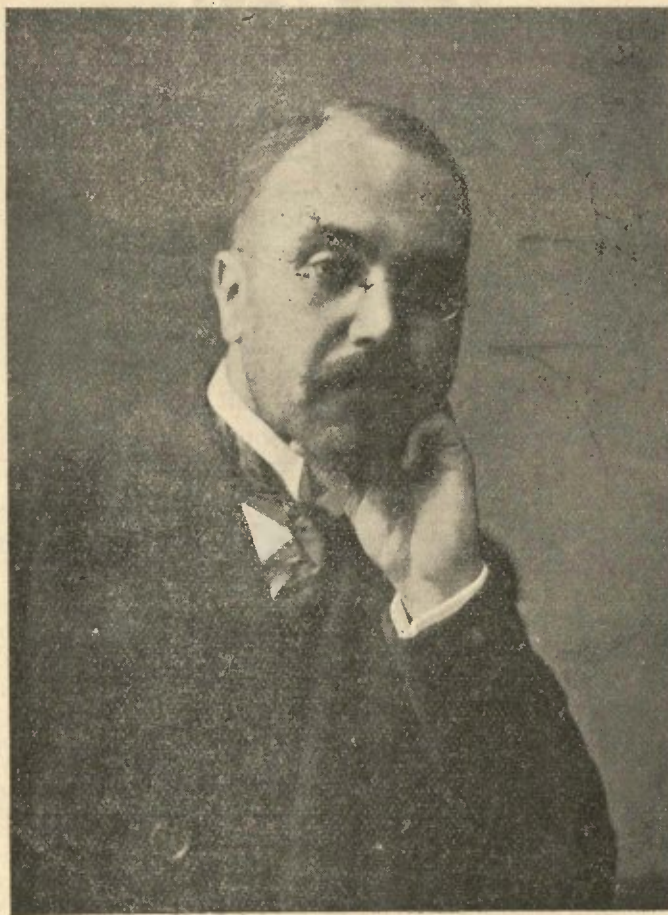
(1) Plínio, *Naturalis Historia*, XXXV, 37.

(2) O *Sôcho*, móvel como é, corresponde aos *mapalia* romanos, como as *cabanas* fixas, de habitação, aos *magalia*: Vergílio, *Aeneida*, I, 421.

TENDÊNCIAS DA NOSSA LITERATURA

FIDELINO DE FIGUEIREDO

O nosso camarada de redacção e illustre professor efectivo dos liceus, dr. José Guerreiro Murta, — escritor a quem o ensino da língua deve já algumas contribuições muito apreciáveis — vai publicar dentro de breves meses um novo livro da sua especialidade, que muito deverá interessar, pelo objecto que visa e pela maneira suggestiva como está escrito, não só aos estudantes de todas as escolas, mas a todos os intellectuais portugueses, propriamente.



DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO

Desejando a ALMA NOVA fixar, a propósito da saída do último volume de Fidelino de Figueiredo — «Tôrre de Babel» —, algumas características da nova fase literária d'este escritor, achámos curioso transcrever do referido livro do Dr. Guerreiro Murta dois passos em que são analizadas as actuais tendências da nossa literatura e apreciadas as qualidades e os defeitos de alguns dos principais vultos das letras contemporâneas, inclusive o homenageado. Segue a transcrição:

Se percorrermos com um rápido olhar as obras dos nossos prosadores mais apreciados, notaremos sem difficuldade uma grande tendência histórica, que não é de modo nenhum regresso ao romance histórico do Romantismo.

Conde de Sabugosa, que foi poeta e contista, firmou a sua reputação literária com obras históricas.

Começou Antero de Figueiredo por tecer crónicas contemporâneas de amor e ajuda há pouco corouo do imagens a figura lendária de D. Sebastião. Mesmo quando escreve livros de Viagens, é, principalmente, invocação histórica que faz.

António Patrício, com o *Diniz e Isabel*, está impregnado de história.

João Grave compôs narrativa social com *Os Famintos*, mas agora architecta, burila a história. *O Reinado Trágico*, *A Paixão e a Morte do Infante* o ultimamente o seu *Frei Gil*, são belos exemplos.

Lopes de Mendonça, recollando narrativas dispersas; Egas Moniz, com o seu *Júlio Denis*; Eduardo Noronha e Rocha Martins, com os seus numerosos livros; Matos Sequeira com os seus *Tempo passado e Lisboa depois do terremoto*, e Lopes Vieira, com o seu *Amadis de Gaula* e a sua *Diana*, deixam transpirar em cada página o perfume dos tempos idos.

Mulheiro Dias principiou por narrativa histórica (*Teles de Albergaria*), e o seu amor da história de tal maneira veio a perdurar que hoje a sua pena só se gasta com o Passado (*História da Colonização do Brasil*).

Manuel Ribeiro com a *Catedral*, *Deserto e Ressurreição*, e Raul Brandão com o *Junot e Gomes Freire*, são mais dois pintores da História.

No teatro também se vê a mesma tendência literária, na maior parte dos nossos escriptores dramáticos. Schwalbach, Rul Chianca, Cortês, Cortesão e Luna de Oliveira, são exemplos.

Um artista com verdadeiros dotes de prosador, que não acampaña a reacção espiritualista dos nossos dias e que continua preso aos realistas da última fase, — é Aquilino Ribeiro.

Júlio Dantas, poeta e prosador muito conhecido do publico, principalmente foinfante, embora salpicado de lalhos históricos, não acompanha bem os nossos tempos, seguindo as correntes menos desinteressadas e menos especulativas do gosto, como Blasco Ibañez.

Este neo-espiritualismo, que atravessa a literatura portuguesa na prosa e no verso, reveste umas vezes forma rigorosamente ortodoxa — está dentro da

igreja católica, como em Antero de Figueiredo (*Nossa Senhora do Amparo*); outras anda muito em volta, como em Manuel Ribeiro o nas *Catedrais* de Fidelino de Figueiredo. Esta outra forma lateral, adjacente do catolicismo tem, no Brasil, por influencia do Emerson e do Rodó, uma expressão muito feliz na jovem critica. Assim vemos no país irmão de Além-Atlântico, a-par de Jackson de Figueiredo, Perilla Gomes e Jonatas Serrana, que são rigorosos católicos, esse outro espiritualismo laico secular, muito bem representado por Nestor Vitor (*Crítica de Antem. Fôlhas que ficam*, etc.); Tasso da Silveira, com a *Igreja Silenciosa e Romãnd Roland*; Ramulfo Prata, com o romance *Dentro da Vida*, e Andrade Murlog, com o *Suave Convício*.

Fidelino de Figueiredo começou por fazer critica objectiva de método quanto possível scientifico (ver *Crítica Literária como Sciência*) e dentro d'esse processo fez com talento a história, a revisão dos nossos valores literários de 1502 a 1900 (do juizo do teatro Vicentino até a morte de Eça de Queirós). Em breve reconheceu que estava tralndo o seu programma e procurou justificar-se em *Criação e Crítica Literária*. E hoje, sceptico da critica literária, normativa o jogador, deixa livremente falar a Inspiração da sua sensibilidade e, a propósito do obras alheias e do espirito do outrem, expõe o que lhe vai no próprio espirito (*Epicurismos e Tôrre de Babel*).

A sua prosa perdeu a espessura didáctica e a secura geométrica, ganhando muito em emoção e flidez. Nos seus escritos de hoje vêem-se laivos de ironia triste, pois Fidelino de Figueiredo propende para um scepticismo espiritualizado.

Não deixa de ser curioso falar das influências principais que o seu espirito tem recebido:

Bernolève com a sua critica dialéctica, abstracta e clássica; Benedetto Croce com a sua estética filosófica, e Menéndez y Pelayo com o seu ponto-de-vista libérico na maneira de colocar os problemas históricos e literários respeitantes á Peninsula; Rodó com o seu spiritualismo laico.

Dia-a-dia vai entrando mais nas correntes espirituais da Espanha e da América Espanhola.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.



NOTAS DE BANCA

I

BEM verdadeiro é aquele aforismo: «Errare humanum est».

Ou, em bom português: «No melhor pano cai uma nódoa».

Se não note-se o que sucede com alguns homens que estão acima da vulgar humanidade, alguns escritores, nacionais e estrangeiros, em cujas obras com os meus vagares e ao sabor das minhas horas de leitura tenho respigado curiosos deslises, esquecimentos, ignorâncias ou lapsos, que de tudo há amostras no que tenho apontado e de que segue uma amostra:

Eça de Queirós. — *Ecos de Paris*, pág. 74. — «Havia cem cavaleiros, eram cem ferraduras poupadas.»

Idem. — *Os Maias*, pág. 385. — «Era já dia claro, quando o senhor, ainda vestido de moiro, se fechou no quarto com a senhora.» E 14 linhas adiante: «Depois lá ficaram toda a noite, e pela manhã parece que estavam muito amiguinhos.»

Camilo Castelo Branco. — *O Sangue*, pág. 38 (2.^a edição). — «Um fazendeiro proprietário de roças de cacau... no Pará.» Pág. 208. — «Dez meses de gestação humana.» Pág. 246. — «Desfazia e refazia as articulações em ginástica.»

Idem. — *Anos de prosa*, pág. 139 (2.^a edição). — «Azedos como malagueta.» Pág. 70. — Acompanharam os reis da primeira dinastia às conquistas do restante da Lusitânia e d'almém-mar.» Pág. 231. — «Um personagem (José Francisco Andraens) que, através de todo o romance, passa a vida em indigestões e impanturadelas, e que por fim «arrijou das suas frequentes dispepsias.»

Idem. — *Scenas da Foz*, pág. ... (... edição). — «A minha angústia era vaga e misteriosa como a da calhandra e a do calhandro, e de toda a variedade de animais que tem bico ou barbatanas ou tromba ou lábios, ou qualquer orifício respiratório por onde possam suspirar e gemer.»

Soares de Passos. — Poesia *O Escravo*:

«Eu era livre sem meta
Como as ondas lá no mar:
Era livre como a seta
Quando sibila no ar...»

Fialho de Almeida. — *Actores e Autores*. — «A Duse na *Dama das Camélias*: «... tudo isto sugere a lenda longinqua da tiscasinha que todos tivemos, irmã, cunhada, viúva, mulher, filha ou parenta.»

Agora dos estrangeiros:

Boileau. — *Sátira X*:

«L'honneur est comme une ile escarpée et sans bords
On n'y peut plus rentrer dès qu'on en est dehors.»

Gustave Flaubert. — *Madame Bovary*. — «Renault deu a Carlos, como pagamento da perna curada, setenta e cinco francos em moedas de dois francos.»

Alfonse Daudet. — *Tartarin de Tarascon*. — «Quatro mil árabes corriam atrás do camelo, descalços, gesticulando, rin-

do como loucos e fazendo luzir ao sol os seus seiscentos mil dentes.» (*Feitas as contas, temos 150 dentes por cabeça, o que é muito para um homem só...*).

Sthendal (Henri Beyle). — *Le Philtre*. — «Tenho trinta anos mais do que tu, minha cara Leonor: contas apenas dezenove e eu cincoenta e nove.»

Émile Pouillon. — *Petites âmes*. — «O honesto cego lançou um olhar melancólico a uma garrafa vazia.»

Charles Mérouvel. — *Jenny Fayelle*. — «Aquela mulher tinha uma cintura tão fina e flexível que uma mão de homem a poderia encerrar entre os seus dez dedos.»

Idem. — *Amour, Millions & Cie*. — «A verdadeira maravilha era ela com o seu admirável pescoço com que Milo, o artista cujo renome atravessou os séculos, teria dado um «pendant» à sua imortal estátua.» (Quando é certo que Milo, como é geralmente sabido, é o nome... duma ilha).

Albert Blanquet. — *Le parc aux cerfs*. — «Poucos momentos depois, um carro transportava-nos ao trote de dois bons cavalos lauçados a galope.»

Balzac. — *Cousin Pons*. — Aludindo a um leque: «Era uma obra prima que Luís XV encomendara a Watteau para Madame de Pompadour.» (*Watteau, como se sabe, morreu em 1721, justamente o ano em que nascem Antonieta Poisson, depois Marquesa da Pompadour*).

Idem. — *Cousine Bette*. — «Um comissário da policia que responde silenciosamente: «Ela não é cega!».

Idem. — *La Muse du Département*. — «Uma criada, depois de ter vendido os olhos a uma pessoa, faz-lhe esta extraordinária recomendação: — Esteja atenta! Não perca de vista nenhum dos meus sinais!»

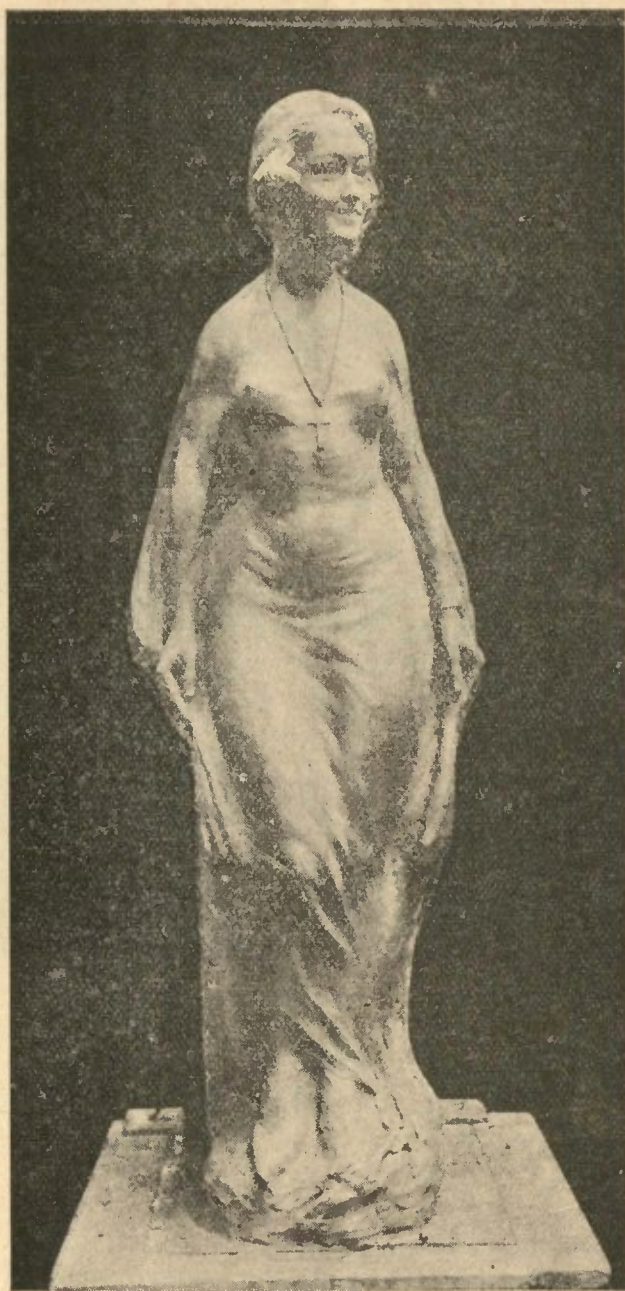
Champfleury. — *Pasquette*. — «... uma pobre viúva que tinha apenas um filho único.»

Vitor Hugo. — *Miseráveis*. — «Que idade tens tu? Dezenove anos. E três páginas adiante, referindo-se à mesma pessoa: — Criança que ainda há vinte anos mamavas!»

Alexandre Dumas. — *O Colar da Rainha*. — «Ah! Ah! disse D. Manuel em português.»

JOSÉ BRANDÃO.

OS NOSSOS ARTISTAS

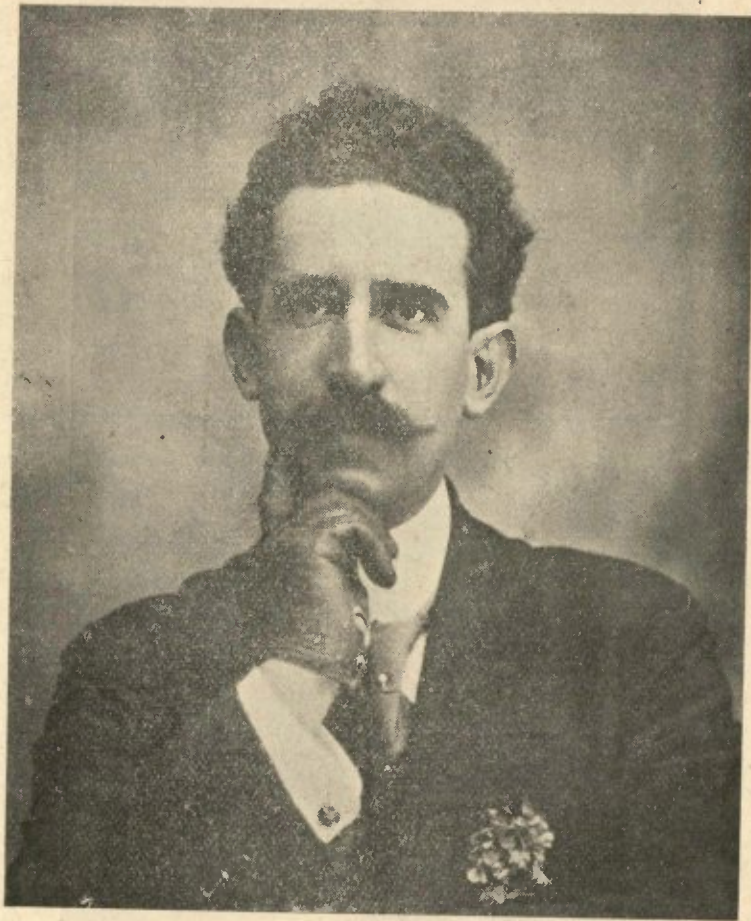


VÊNUS MODERNA

Por JOÃO JOSÉ GOMES

JOÃO JOSÉ GOMES É UM ARTISTA MOÇO DE REAL TALENTO E DUMA EXTRAORDINÁRIA FORÇA DE VONTADE, QUE DENTRO EM BREVE SE DEVERÁ IMPOR COMO UM DOS NOSSOS MAIS BRILHANTES ESCULTORES. «VÊNUS MODERNA», EXPOSTA O ANO PASSADO, É UM ESTUDO DE FIGURA MUITO CURIOSO E JÁ BASTANTE REVELADOR DE BOA TÉCNICA E DE INDIVIDUALISMO.

ALGARVE INTELECTUAL



JOÃO LÚCIO

João de Deus e João Lúcio são para o Algarve dois símbolos: um — o Amor; o outro — a Paisagem. Ambos completam-se. João Lúcio, mais preso à região, mais objectivo, — Artista — deve, porém, ser considerado o verdadeiro cantor do Algarve. Nas suas rimas de ouro, à Junqueiro, perpassa toda a paisagem e toda a alma algarvias. «... nenhum como João Lúcio, se distinguuiu como arauto da sua pátria pequena e cantor da Região», disse num discurso o sr. Agostinho de Campos. E é certo: «De olhos fitos no céu, o Poeta, cantou a sua terra. Cantou, sonhou, e morreu. E agora, assim como nós todos, Portugueses, encontramos os *Lusíadas* o mais alto e fulgente reflexo da nossa consciência de nação, assim o Algarve descobre nos versos deste Poeta a expressão da sua individualidade regional». A bela provincia do sul, erguendo uma estátua a João Lúcio, na terra da sua naturalidade, deu às demais provincias portuguezas um formosíssimo exemplo de regionalismo cívico.

ALGARVE TIPICO



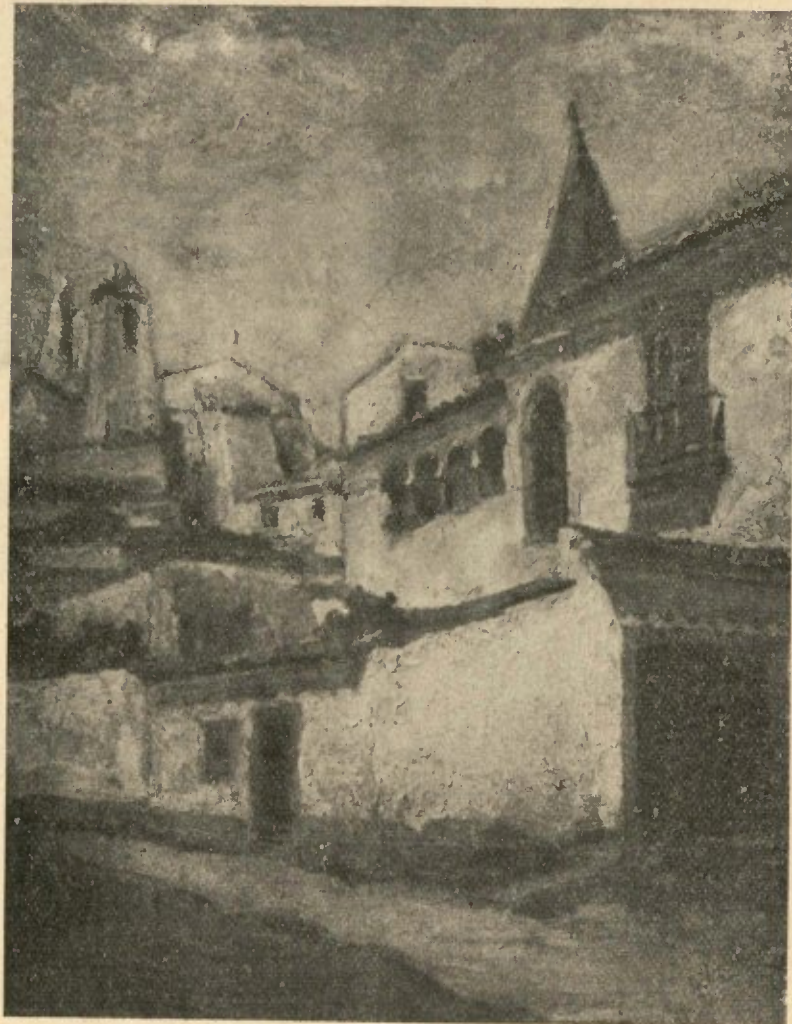
A característica vila de Olhão, terra natal de João Lúcio, onde acaba de ser-lhe erigido um monumento.

PROVINCIA onde nasci, amada do luar
E do sol ruído, ardente, imorredoiro...
Lírio fresco e azul deitado à beira-mar,
Com o cálix gentil a orvalhar-se em oiro...

Nêsse canto imortal de todo o Universo,
De florestas, de sóis, mares e cordilheiras,
Tu és, unicamente, um perfumado verso,
Feito em luar dormente, azul e laranjeiras.

Lindo verso, porém, dessa lira suprema,
Com hinos triunfais, auroreais, fecundos,
Que abrange a Vida toda e faz o seu poema,
Rimando montes, céus, oceanos e mundos.

ÉVORA MONUMENTAL

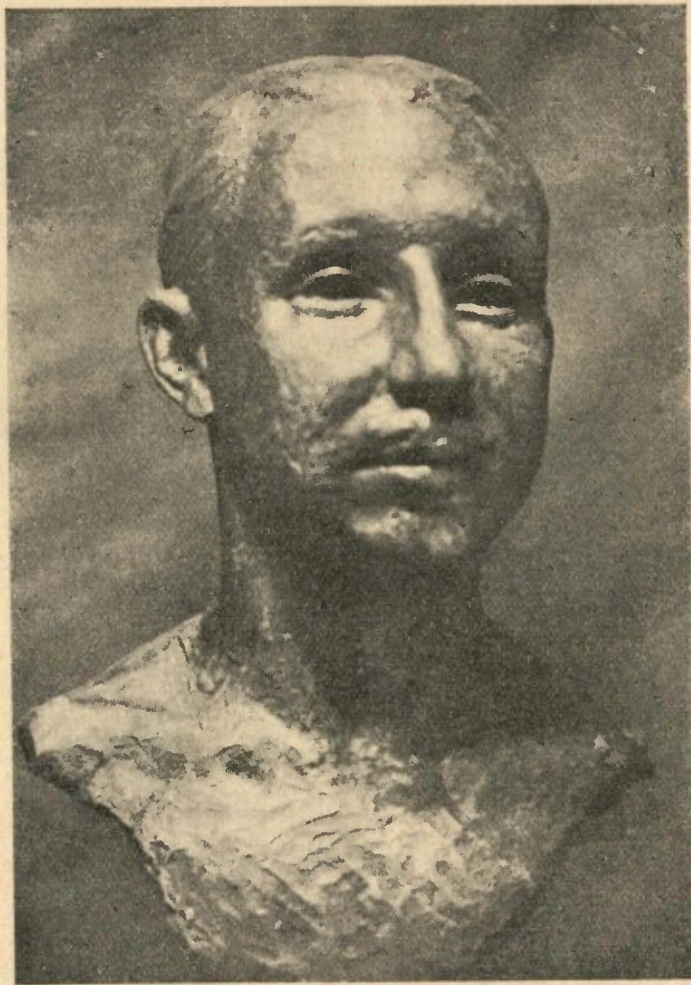


ÉVORA ANTIGA

POR ALBERTINO GUIMARÃES

Évora seria, efectivamente, a *Meca dos portugueses* — e não me recordo agora de quem o afirmou — se conservasse inalterável o cunho integral de outras éras, toda ela renda de pedra, com história em cada bloco, com um capítulo de grandezas em cada ogiva, as suas lendas em cada capitel, o seu cancionero em cada lavrado de cantaria! Eu creio, porém, que todas as afrontas que tem sofrido se praticaram por bem, nesse incompreensível amor que tantas vezes leva ao crime passional. — *João Rosa, Évora.*

O S N O S S O S P O E T A S



ENGENHEIRO CELESTINO RODARTE DE ALMEIDA
(Busto de João José Gomes)

VOX DEI

a CÉSAR DE FRIAS

*A's horas do Silêncio e das Estrélas,
e do baile das Sombras ao luar,
quando a Terra se cala e chora o Mar
a saüdade sem fim das suas velas,...*

*quando florescem árvores, e vê-las
à flor dos nevoeiros despontar,
é ver corpos de Ninfas a boiar
nos lagos em torpor das tranças belas,...*

*quando sonham, extáticos, os montes
e dão ais de rolinha as suas fontes:
— Virgens pejadas pelos céus sem fim,...*

*é que eu, absorto e pálido, ao luar
vagueio, horas e horas, a escutar
a grande Voz do Deus que vive em mim.*

Outão, 1917.

ANSIEDADE

ao Escultor JOÃO JOSÉ GOMES

*ANDAM ventos metálicos nos ares
às horas de bruxedo em que vagueio,
buscando nem sei quem,— as mãos no seio,
e, nos olhos, de lágrimas dois mares...*

*O mais livido e triste dos luares
pelos invios caminhos bate em cheio,
— e eu vou, todo tremente e aos ais, em meio
de asas batendo em volta, fumulares.*

*São asas de irreais Aparições,
Memórias do que fui, numa outra Idade,
— talvez da éra em que viveu Camões.*

*Foi o Tempo seus traços apagando...
— e eu sem as conhecer, numa ansiedade,
é a mim mesmo que devo ir buscando...*

Carcavelos, 1924.

CELESTINO RODARTE DE ALMEIDA.

N E V E E F É M E R A

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Castro.

*A serra é duma bruta contextura ;
Morros a pino, córregos lugentes,
Costas desnudas, fragas imponentes,
— Desordenada, hostil, bravia, dura.*

*Graníticas muralhas colossais
Entestam, lá para o fundo, contra abismos ;
Tem-se a noção de vagos cataclismos
Que a Natureza não repete mais.*

*Paisagem pétrea. Em tal serenidade
Eis me confrangem comoções estranhas ;
Um deus vencido habita estas montanhas,
E é-lhe insensível minha humanidade.*

*E' êste deus quem ergue as altas penhas
E ruge nas cascatas, dementado ;
Cada alcantil é um punho seu crispado,
Um grito estéril, abafado em brenhas.*

*As suas maldições, petrificadas,
Quedam-se, eternas, contra o céu distante ;
Rudes carrancas d'altra goela hiante,
Dentes de pedra em fauces calcinadas.*

*Os morros invectivam, surdamente ;
E sôbre essas revoltas, dominadas,
Repousam monstros de épocas passadas,
Sáurios, mômús, de ilharga reluzente.*

*Às vezes ruge, lúgubre, o trovão ;
E o deus oculto em solidões perdidas
Dá voz, então, às fúrias reprimidas
E põe toda a montanha em vibração.*

*Arde em fogos de inferno o chavascal ;
E, ao troar feroz de nil canhões,
Gigante louco, sôlto de grillhões,
Eis que razia a serra o vendaval.*

*— «Uiva e ulula, maluco! Canta, tonto!
Silva e requinta, ruge, grita, chora!
Zoa, tufão! delira, serra em fora,
Varejador de morte e mal's sem conto!*

*
* *

*Hoje, porém, um sôpro doce e fino
'sfolhou do céu as pétalas da neve ;
E a bronca serra, ei-la ganhando em breve
Um alvo, suave aspecto feminino.*

*Vem farinhando a etérea maravilha
— Pranto de luar, maná pacificante — :
E, sob a sua clâmide alvejante,
Límpida e nova, toda a serra brilha.*

*Ei-la mudada: É um paço real sumptuoso,
De jaspe, de alabastro, de jasmim ;
Galerias de espelhos, sem ter fim,
Pratas, cristais e mármore. Faustoso!*

*... Então, alada, grácil, rodopia
De fadas uma ronda no alvo chão ;
E já o sincelo, em ébrio turbilhão,
Baila com elas, tonto de alegria.*

Bailam, rebailam pelo monte, as fadas,
Solaus, gavotas, de serões d'antanho,
— Castas, como Diana ao vir do banho,
Entre as farripas níveas das nortadas.

Bailam, rebailam, fadas pelos montes;
E os negros morros, encolarinhados,
Fazem mesura aos monstros polvilhados
Que espreitam pelos alvos horizontes.

D'asa enfunada, no solar das brumas,
Cisnes e pombas vão rufando as pênas...
— Danças sonhadas pelas açucenas,
Feitas de pólen, de luar, de espumas.

Depois são rodas, viras, espirais;
Sombras de lírios cruzam-se ao de leve;
... E sôbre a toalha rúfila da neve
Rompem fugas de côr em mil cristais.

Ao darem fé de enlévo tão distante,
Mugem, nos fundos, feras condenadas,
E em doce pranto, ao ritmo das baladas,
Mil olhos choram pela serra adiante.

Luzem nos montes novos arrebóis;
Pousam, de manso, as aves das procelas;
Estacam lôbos junto de gazelas,
Floresce o mafagal em rouxinóis.

Sonha o milhafre com a paz dos ninhos,
O javali respira as flores do val';
E a silva agreste, o cardo, o fojo arnal,
Deixam tombar, inúteis, os espinhos.

E elas rebailam... Em ditosos giros,
A brisa apaga os rastros dos çapatos.
Amaciam-se, um pouco, os feldespatos,
Infla o granito o peito com suspiros...

Por fim, evolam-se. E, na serra, em mágoa,
Estalam rugas, abrem-se gargantas;
Soerguem-se os Titans, ao ver as mantas
De puro arminho a desfazer-se em água.

Rôto, sumido o límpido lençol,
Rugem de novo, em fúria, as cachoeiras;
Já sôbre o casco a nu das negras eiras
Vêm outra vez os dardos mil do sol.

Torna a surgir o ríspido castelo,
A lage glabra, as giestas e o medronho,
Mais brava e dura, ao despertar dum sonho,
Volta a parecer a serra um pesadelo.

E o deus sinistro, que, durante o inverno,
Densara um dia ter um céu luzido,
Volta de novo, Lúcifer vencido,
Ao desespêro de habitar o inferno.

NUNO CRUZ.



IDEIAS ANTIGAS — SOB UMA FORMA NOVA

A FILOSOFIA DO REGIONALISMO NA VIDA NACIONAL
E O SEU VÁRIO ASPECTO — ESTÉTICO, SOCIAL, ECONÓMICO

LONGE de todas as ideias banalizadas, de todas as interpretações vulgares e defeituosas, que transmitem uma sem-importância assustadora às melhores iniciativas, — convém sempre estudá-las com serenidade, distantes de qualquer erro precipitado, e, portanto, inconveniente. O que tem inutilizado muito boas intenções — que a realizarem-se, não raro, seriam de um largo alcance e finalidade — é sempre a forma defeituosa, atrabiliária, de que as pretendem cercar certos espíritos, ou a facilidade com que as criticam e falam nelas.

A desconfiança que existe — freqüentes vezes — à volta duma palavra, e que se formou lentamente na consciência colectiva, — deriva do abuso que se faz dêsse termo, para seduzir e deslumbrar o público ingénuo, fora dos factos, ou designar assuntos que não podem caber no seu significado. Ora a verdade é que o valor das palavras sintetiza-se na efectivação que o homem lhe dá. É a essencial condição para o triunfo, tumultua na franca aproximação entre o sentido espiritual dos princípios proclamados e a sua transferência à prática. Donde a necessidade que se impõe, de fazer compreender — na justa complexidade do facto em si e do ambiente — a verdade das coisas, adaptada tanto quanto possível à psicologia humana.

O *regionalismo*, que está hoje conhecido na terminologia vulgar, necessita, entretanto, duma análise que o torne mais acessível, e que o faça, acima de tudo, mais praticável, na realidade do dia-a-dia. Só mostrando a sua razão de ser — portanto, fazendo a sua história — é possível ensinar o amor à tradição — ao passado que nos orienta ainda — o que fez dizer a Helps: «os homens abalançam-se serênamente às mais perigosas empresas, impellidos pelas sombras dos fortes que já lá vão.» Mas não basta isto ainda, porque o espírito não saberia, bastantes vezes, tirar do exemplo o ensinamento necessário — é preciso fazer outra coisa além de contar; é preciso esclarecer — com inteligência — aquilo onde o raciocínio tem de fazer demonstrações — por bem e para bem. «A história — afirma Pietro Cogliolo — serve à filosofia, mas a filosofia completa a história.»

As nações — exactamente como os homens — sofrem, em determinadas épocas, crises, por vezes, gravíssimas, que se impõe aos espíritos lúcidos e livres da sugestão colectiva — combater. Em certos momentos da vida dos povos, parece que uma estranha amnésia faz esquecer, a todos, a diferença e a noção do razoável e portanto a consciência do descalabro, do perigo... Sabidas as íntimas afinidades em que se ligam os fenómenos da existência colectiva, a ânsia d'ênfia que tomou a sociedade da vertigem cosmopolita e urbana tem tido graves conseqüências materiais e morais na seqüência dos factos — pois a bússola dos fenómenos sociais oscila e desorienta-se, no mostrador, à mais pequena variação... E embora toda a gente pressinta o erro em que lamentavelmente incorre, ninguém tem a coragem de fugir ou resistir à pernicioso influência dos factores dissolventes, inquietantes, que actuam com facilidade... O motivo será talvez, o não se ter compreendido ainda a beleza, a utilidade de regressar à vida normal, revigoradora, pura, da nacionalidade, afirmando para o lado os moldes asfixiantes do estrangeiro, que tanto se comprazem em imitar servilmente. Ainda recentemente, numa conferência, eu tive ensejo de afirmar como não é digna de existir uma pátria que não tenha a sua civilização própria a dominar e a afirmar-se, principalmente, quando essa civilização é, como a nossa, cheia de encantos e de graça — rica, original, com sentimento...

Demais, só ela, só os costumes, as usanças, as tradições portuguesas, estão em perfeita harmonia com a psicologia do povo, com as condições especiais das diversas regiões. É a melhor prova desta verdade, é ver que, apesar dessa vaga ferrível de homogeneidade que tem matado lentamente tudo o que havia de lindo na vida provincial e genuinamente portuguesa, ainda cada região tem os seus traços característicos, vincados...

Agora — porém, infelizmente, — na desorientada anarquia da xenomania simiesca e da obsessão megalómana, não há ninguém, por êsse país fora, que queira conservar as lindas tradições que nos fizeram admirados. Enten-

dem que a função do progresso é uma função iconoclasta e desoladora de destruição, — quando, afinal, o único progresso adaptável é aquele que é estruturalmente, fundamentalmente conservador e que se adapta às condições próprias de cada município. É ainda Pietro Cogliolo, na *Filosofia del diritto privatto*, quem afirma: «Nada auxilia mais o bem-estar de uma nação que a estabilidade das suas organizações.» Inadaptada ao nosso sentimento, a civilização amorfa que, em Portugal só tem mantido os antigos e dispensáveis defeitos, fazendo desaparecer as grandes virtudes, é uma civilização indigna dêsse nome. Urge reconhecer estas verdades — e uma vez compreendido tudo, numa visão inteligente, olhar para trás, para o passado, tão lindo e emotivo, que nos deixa ficar silenciosos — de respeito e surpresa. Fazendo ressurgir toda essa formosura, agora latente e abalada — *portugaliza-se* Portugal, realiza-se uma alta e importante função de moralidade redentora... A beleza da vida está na variedade, no imprevisível, na surpresa — e ela só pode existir quando se guarda religiosamente os hábitos dos maiores, embora alterados pelo progresso, num melhor e mais perfeito emprêgo de todas as energias úteis e vivificadoras... Nem se julgue que isto é uma questão meramente exterior ou sentimental — sem importância económica. Pelo contrário, ela representa ainda uma influência colossal adentro da sociedade. É apenas mantendo êste culto sagrado pela tradição, no progresso metódico, tranqüilo, consciênte, que se consegue encaminhar os homens para as virtudes que engrandecem e nobilitam, para o trabalho triunfante...

Longe destas ideias, tudo é anarquia e indisciplina, a perder-se na confusão e na desordem... Desde o momento que se saiba atingir o verdadeiro significado do *regionalismo*, na vida dos municípios, fomenta-se a grandeza das províncias, da nacionalidade, visto que uma pátria, para progredir, precisa do progresso das províncias que a compõem, mas o progresso característico, variegado, na policromia das condições naturais e idiosincrásicas da Terra...

Na sua essência, o regionalismo tem de ligar-se à *terra-mater*, porque só nessa íntima unidade afectiva e sossegada pode existir o trabalho honesto, num país agrícola e fertilíssimo... Por isso, é necessário amar a Terra, cultivá-la carinhosamente, cantando e rindo, como dantes — pois está aí o fundamento da ordem e da moralidade, nessa arreigada dedicação, tão estrangulada pela cidade, pelo urbanismo assimilador e desorientador, nessa dedicação que mantém sempre íntegros os esforços dos homens bons... Degenerada e estiolada, numa atrofiante irresponsabilidade, a sociedade que esqueceu o *sentido nacional*, tem de voltar a prestar adoração à *pequena pátria onde nasceu*, à sua região — ao *pays natal*, na encantadora e suave expressão do grande escritor francês Henry Bordeaux. Nessa atmosfera tranqüila e boa, o progresso adaptado, nos mais insignificantes pormenores, — no ritual sagrado da indumentária, costumes e do trabalho honesto — tudo reviverá, por bem: a casa portuguesa, êsse *lar* sossegado e feliz, onde se agitava, como numa lenda bondosa, a *familia*, hoje tão perdida na mesma vertigem sombria e desesperada. O que é urgente — parece-me — é refazer o ambiente, impor suavemente, pelo exemplo, a vida *muito portuguesa* — como na Gasconha, na Provença e na Suíça, onde se conserva todo o carácter da sua civilização, e em tantas outras nacionalidades.

Não basta falar em *regionalismo*, é forçoso praticá-lo, ensinar a beleza, a utilidade, a imperiosa necessidade dêle, e até — acima das palavras — educar todos no seu respeito... Afogadas as consciências no marasmo ambicioso e amargo, esquecidas as indústrias, as artes e até a agricultura — com os campos despovoados e os *lares* apagados — ninguém se lembra de que salvar o Município, a Região abandonada e esquecida, é salvar a Pátria bem dita em que vivemos, salvarmo-nos a nós próprios, da vergonha eterna de a deixar perder-se irremediavelmente — em nome da Civilização! — como o mais triste e o grotesco símbolo de fraqueza.

COSTA



ALEGRE

ALEGRE! Era uma alegria fictícia a que sempre lhe parecia no rosto expansivo de exuberante mocidade. Como poderia ser realmente alegre, se o torturavam as desventuras humanas, vibrando-lhe a alma dolorosamente unísona com as máguas alheias? E não as teria próprias? Não sentiria insistente uma revolta íntima e constante a protestar contra a suprema injustiça de ser tão negro o invólucro de tão branca alma?

Foi verdadeiramente infeliz! Na idade dos amores, em pleno desabrochar do coração, não desdenhava as mulheres da sua raça, belos versos lhes fez; creio, porém, que mais o inspirava nêles a compaixão do que outro qualquer sentimento. Foi uma branca, muito branca e loira, que o enfeitiçou!

Esquiva lhe foi a sorte! A sua musa loira, como lhe chamava, nutriu por êle o mais descarado desdém!

Dois céus me lembram dum anil formoso,
Esses teus olhos, loira criatura,
Em que as pupilas dum brilhar mimoso
São dois trementes sóis em miniatura.

Se crês que sou capaz de desligar os laços
Dêste fozoso amor, que lento me consomo,
Rasga-me o coração em mil e mil pedaços,
Em todos gratamente encontrarás teu nome.

E' quasi certo que estas duas encantadoras quadras tiveram origem num amor desesperançado, que talvez concorresse para a prematura consunção do Poeta!

Após três meses de febre a 39° e a 40°, um trecho duma carta com que me favoreceu mostra bem de que rijeza animica dispunha: «Meu amigo, não tenho o espirito fraco, nem pouca força de reacção, se sentir, porém, uma montanha sobre mim, não reajo, gemo, e não sou daqueles que estando em cima dela se julgam esmagados pelas nuvens, que lhes passam próximas.»

Morreu tuberculoso, em 22 de Abril de 1890, com 26 anos incompletos. Freqüentava o 3.º ano da Escola Médica. Coligi e publiquei o volume *Versos* do malogrado amigo. Mais de 150 páginas compactas, e não pude obter todas as poesias.

Costa Alegre foi poeta desde muito novo.

E' natural que se nasça poeta como se nasce com qualquer outra vocação. Do que nem todos os poetas dispõem é da candura que distinguia o inditoso rapaz.

Poeta pode definir-se: aquele que sofre a ânsia constante, absorvente, implacável... de alcançar o impossível!

Se preguntarem ao poeta que intuito o move, que aspiração tenta realizar, quasi inconscientemente, sobretudo porque faz versos, não saberá responder.

A própria inspiração não será também inconsciente?

Achar a incógnita, oculta no espirito dum homem vulgar — o caso do Hamlet com a llauta — não é coisa fácil. No poeta, que é sempre um hiper-sensível, deve ser problema insolúvel.

Se o estilo é o homem, os versos traduzem-lhe o mais recondito da alma. Os versos de Costa Alegre rescendem ternu-

ra, altruismo, lucilante quilate dum espirito feito de luz e de bondade.

Leia-lhe os *Versos* quem quiser apreciar o Poeta.

Nem só os grandes rasgos revelam um carácter. Uma scena passada entre Costa Alegre e Luis Calado Nunes, também poeta de subido aprêço, dá uma nota animica, para mim, pelo menos, tão salidosa quanto bela, na sua extrema singeleza.

Habitava Costa Alegre num quarto alugado dum 3.º andar da antiga rua de S. José; visitámo-lo por estar doente. O quarto tinha uma sala anexa, que era a casa de trabalho do poeta. Bastante achacado, envolvia-se num cobertor. Sofria já os primeiros sintomas da cruciante doença, que o vitimou.

Nos mesmos aposentos estivera um tuberculoso, e não se havia feito a mais leve desinfecção.

Conversou-se sobre vários assuntos, discutiram-se versos, que o poeta espalhava a granel numa caixa velha de chapêu alto, por cima das mesas, por toda a parte, entre uma profusão de coisas heterogêneas, num mistifório inenarrável.

Depois de algumas rebuscas indiscretas, mas naturalíssimas entre amigos e condiscipulos, Luis descobriu um magnifico cachimbo novo, representando a cabeça de Voltaire, esculpida primorosamente.

Encantado, a-pesar-de não fumar cachimbo, sem cerimónias, por ser linda obra de Arte, exclamou:

— Que esplêndido cachimbo, que tu aqui tens! Está claro que mo ofereces.

— Não! Não ofereço. Tenho-o em muita estimação.

— Ora, adeus! Para que o queres tu? Não fumas.

— Também tu não fumas... cachimbo.

O diálogo, que aí fica de memória, e de memória pouco fiel, continuou, acabando o Luis por meter o cachimbo na algibeira.

Já na escada, o bom Costa Alegre ainda intimou:

— Olha que tens de me restituir o cachimbo.

— Pois sim... espera por essa. Só se fôr depois de me lartar de o ver.

Dias passados, encontrámo-nos os três no Rossio, e logo o Luis: — ó Costa Alegre, olha que qualquer dia lá te levo o cachimbo. Ao que o adorável poeta respondeu: — não, para quê, gostas dêle, tenho muito prazer em to oferecer.

Outra nota cariciosa me ocorre.

Uma vez fugiu para casa de Costa Alegre um lindo canário dumas vizinhas fronteiras. O pobre animalzinho tão funestamente voou, na sua ânsia de inusitada liberdade, que foi cair nas garras dum gato lesto. Teve morte fulminante.

As vizinhas angustiadas pela fuga do adorável cantador, seu terno companheiro, tendo-o visto entrar pela janela de Costa Alegre, gritaram alarmadas. O poeta, para lhes suavizar o desgosto, afirmou que a âvesita pouco sofrera, e que a levaria dentro em pouco.

Assim fez, realmente, levou-a... embalsamada. E para distrair a tristeza das vizinhas fez a elegia do canário num comovedor soneto.

Era assim em tudo: bom, sensível, afável, desinteressado, quasi infantil.

Adorava as crianças e as flores.

Que doçura de alma, que simpleza altruista, a do malogrado poeta!

Numa só coisa foi feliz: em não chegar a conhecer o mundo, em não chegar a conhecer a perfidia.

CRUZ MAGALHÃES.

A PROCISSÃO DO TRABALHO

POR

PADRE ERNESTO FERREIRA

QUANDO, em formoso dia de Maio, desfila pelas ruas de Vila Franca-do-Campo a procissão de San-Miguel, parece que ressurgem a antiga alma portuguesa para, em fantástica visão, despertar saudades de um passado que tanto mais avulta quanto mais se compara com o presente.

Sumiu-se o século XIX, tantas vezes denominado o século das luzes, num ocaso de nuvens formadas por doutrinas erróneas e ambições desmedidas, nimbo turgido e acastelados, que se foram condensando até rebentarem em tremendas tempestades, cujos ecos sinistros se não desvaneceram completamente, porque no céu das nações, nos horizontes da sociedade, ainda há farrapos de mau presságio. Mas ainda hoje, em pleno século XX, a procissão de San-Miguel, desdobrando-se ao sol dourado da primavera, espalha, por entre o repicar dos sinos, o estralejar dos foguetes e o estrondear das músicas, a nota impressiva de uma paz serena e de uma alegria sã, ao mesmo tempo que recorda o que foi o enérgico viver de outrora, a forte organização social dos tempos idos.

Cortejo religioso, que simboliza admiravelmente a fé de um povo prestando luzida homenagem ao Arcanjo triunfador, que deu o seu nome a uma Ilha, verdadeiro oásis de fertilidade e de frescura nas paragens desérticas do Atlântico; cortejo patriótico, que relembra a época gloriosa dos descobrimentos marítimos, comemorando a célebre viagem em que Gonçalo Velho, o esforçado comendador de Almourol, desviando-se do caminho até então seguido pelas caravelas exploradoras e velejando para o ocidente, arrancou da concha do ignoto uma das mais ricas pérolas açoreanas para a engastar na coroa da Civilização; é também um cortejo cívico, que congrega e une, em um mesmo ideal, em uma única aspiração, nobres e plebeus, ricos e pobres, clérigos e mecânicos. É a Procissão do Trabalho, igualitária e niveladora, que dignifica e exalta artes e ofícios, pois que nela se incorporam as várias classes sociais acompanhando os seus santos patronos, levados em andores ricamente ornados.

Abre o préstito com um navio conduzindo San-Pedro Gonçalves, protector dos pescadores, chamado também por estes *Corpo Santo*, porque à sua presença atribuem a fâsca eléctrica, que voltava nos mastros das embarcações, quando a borrasca está para se aplacar.

A êsse meteoro, lido por bom sinal, chamam os espanhóis Santelmo e sobre êle discreto o nosso Amador Arrais, nos seus *Diálogos*, segundo a sciência de então, terminando por afirmar que esta nada adiantava e que só era certo verem-no os navegantes muitas vezes em viagem de longo tempo. Disse Camões, o gentil cantor das glórias pátrias:

..... O lume vivo
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e friste pranto.

Os pescadores açoreanos tem grande devoção ao seu santo patrono, a quem, em outras éras, levantavam, nas eminências das costas, alvas e risonhas ermidas, para onde, em momentos de perigo e aflicção, voltam olhos suplicantes,

invocando o socorro do Corpo Santo, que deu o nome não só aos pequeninos e toscos templos, mas também aos sítios em que os mesmos se acham.

A gente marítima de Vila Franca-do-Campo ainda festeja o seu querido Padroeiro na segunda-feira depois do domingo de Pascoela, levando processionalmente a devota imagem para a Matriz, onde há missa solene e sermão, e reconduzindo-a novamente para a ermida de Santa Catarina, também à beira-mar, na qual se acha actualmente, por se ter arruinado a sua casa. De tarde, os pescadores percorrem, em bandos, as ruas da Vila, pulando e bailando em vozeria donde sobressai a palavra *Irró*. É a isto que chamam a festa do *Irró*. Êste vocábulo é provavelmente uma corruptela da aclamação Hurrá, tendo-se convertido em *i* a outra semivogal *u* e em *ó* o *a* final, o que é frequentíssimo na linguagem popular micaelense.

Após o navio, em que vai San-Pedro Gonçalves, acompanhado pelos homens do mar, seguem-se vários andores com os patronos de outras classes, ornados por um dos seus membros, em cuja casa se acha em exposição a respectiva imagem no dia da procissão e na véspera. San-Crispim pertence aos çapateiros; Santo António-de-Lisboa aos oleiros; Santo Antão aos lavradores, que quasi o cobrem de cordões de ouro. Santa Catarina era dantes a padroeira dos barbeiros, mas hoje enfeitam-na e acompanham-na os empregados públicos e comerciantes. San-João Baptista é o patrono dos pedreiros. Aos carpinteiros pertence San-José e aos arrieiros a Senhora do Egipto com o Filho no colo sentada num jumentinho conduzido pelo venerável Espôso. O Menino Jesus é dos alfaiates. Finalmente vai a imagem de San-Miguel, calcando aos pés a Lúcifer, o anjo rebelde, e empunhando na mão direita o gládio flamejante da vitória e na esquerda o escudo impenetrável da justiça com a legenda — *Quis sicut Deus?*

É muito antiga a procissão de San-Miguel, pois já no século XVI a Câmara estabelecia coimas para os mecânicos, que nela se não incorporassem com as insignias dos seus ofícios e com os castelos ou paus torneados e ornados de ramalhetes que era uso os mestres levarem na procissão de Corpus-Cristi e nas cerimónias públicas das Câmaras. De há muito que as classes, e somente algumas, apenas ostentam as suas bandeiras quadrangulares de damasco.

Na vigência do regimen monárquico fechavam o cortejo os vereadores, entre os quais flutuava o estandarte municipal de seda vermelha tendo bordada a ouro a figura de San-Miguel, que constitue o brasão de armas da Vila.

O século XIX, irreverente e impiedoso, extinguiu as antigas corporações, impulsionando o individualismo egoista, que é um dos factores da anarquia em que se debate a sociedade actual. Mas a procissão de San-Miguel, a Procissão do Trabalho, todos os anos, em soalheiro dia de Maio bafejado pelas brisas fagueiras do oceano, coleia as principais artérias da primitiva capital da Ilha, como eco longínquo da forte e modelar organização profissional do passado.

PADRE ERNESTO FERREIRA

(Da Academia de Ciências de Portugal.)



ARQUITECTURA



O ROMANO-GÓTICO EM PORTUGAL

A CAPELA DE SAN-PEDRO, EM AVÔ

(CONCLUSÃO)

É a única referência que encontrei de San-Pedro ser um dos lugares das estações das Ladaínhas da Ascensão, o que era natural.

A-pesar-de não ter dados alguns, estou em crer que pelo menos algumas das igrejas filiais da de Avô, também ali iriam nesses dias.

Além destas procissões na semana pascal e a de Avô pelas Ladaínhas menores, havia outras, todas as sextas-feiras de Maio, de Avô, Pomares e Anseris, como diz padre Caetano de Sousa ⁽¹⁾ e o livro dos usos e costumes da Colegiada ⁽²⁾.

As das duas últimas frêguesias teriam desaparecido com o interdito, e as daquela outra, mudadas também para a Senhora-dos-Anjos, ir-se-iam com a extinção da Colegiada, com a extinção de tanta coisa linda que o século que passou ia levando consigo.

Pelo meado daquele século, em data que me não foi possível precisar, recompôs-se a capelita e voltaram as cruces de Avô, Pomares e Anseris com as Ladaínhas; mas em lugar de ser no dia tradicional, o dia do voto, começaram a ir no dia das Ladaínhas menores, Ladaínhas que, como é sabido, são preceituadas pela liturgia romana.

Anseris abandonou em breve, e agora somente Avô e Pomares até ali trazem o canto queixoso das invocações dos santos.

Da capela

Os visitantes do antigo arcediagado de Seia, na sua linguagem simples, deixaram aqui e além, pelos termos de visita da igreja de Avô, pequenos fragmentos da litania de pobreza e abandono material que a meiga capelita vem arastando desde não sei se pouco depois da sua edificação.

O de 1712, Dr. Manuel Moreira Rebêlo, Protonotário Apostólico e Provisor do Bispado, é o primeiro a falar-nos dela:

* E porque a fabrica he tão bem obrigada a ornar a cap.^a de São P.^o ordeno se mande em tr.^o de tres mezes reformar o forro della, e os mordomos mandarão consertar as paredez do corpo da mesma cap.^a e refelhala em forma q̄ nella não chova, e se consertará o Calix da Igreja pertencente

ã fabrica naquella parte em q̄ está cobrado ao q̄ tudo se satisfará sob pena de quatro mil reis • ⁽¹⁾.

Os mordomos de San-Pedro e o fabricário da capela-mor da igreja, simplesmente não se importaram com o que ordenara o visitador, o que era muito vulgar então e ainda hoje.

Na visita seguinte, a de 1715, o Dr. Domingos Francisco Nunes, como nada se fizera, diz:

* Tambem se ordenou na passada q̄ o forro da capella de S. P.^o a q̄ he obrigada a fabrica da capella mor desta lgr.^a se reformase ao que se não deo comprim.^{lo} antes se me fes queixa estava chovendo no altar e por isso se não podia dizer missa nelle pello q̄ mando ao R.^{do} fabricario com pena de quatro mil reis q̄ dentro de tres mezes mande reparar o dito forro e o telhado p.^a q̄ não chova nella • ⁽²⁾.

Não obstante vir, como já na anterior, a ameaça da multa, a capela continuou como estava.

Ora, em 18 de Maio de 1717, o visitador, o mesmo da de 1715, mas então Prior da Colegiada de San-Tiago de Coimbra, encontrando-a no mesmo estado, escreve no livro das visitas:

* Como já nas passadas fosse mandado se reparase o forro e telhado da cap.^a de S. P.^o por estar de man.^a q̄ no altar se não pode dizer missa por chover no altar e o R.^{do} fabricario o não mandase fazer estando a seo cargo o ei por condemnado nos tres mil reis cominados no cap.^o da passada e sob a mesma em dobro lhe m.^{do} q̄ dentro de tres mezes m.^{de} cumprir o d.^o cap.^o • ⁽³⁾.

O pobre prior de San-Tiago leu mal, não viu que eram quatro mil reis o que se dizia nas duas outras visitas.

Desta vez presumo que se concertou; só em 1774 se lhe torna a aludir.

Este estado da capela não era somente produzido pelo desleixo.

A igreja paroquial desde alguns anos, andava em reconstrução. Haviam-se lançado derramas pelo povo; os rendi-

⁽¹⁾ Livro das Visitas da Igreja de Avô, fl. 44 v.^o

Um pouco anteriormente, em 1688, o visitador Manuel Soares de Gouveia, vigário de San-Miguel de Coja, deixou-nos uma nota interessante de como se tratavam algumas capelas.

* feseme queixa q̄ nas Ermidas se malhava e recolhião as novidades couza m.^{lo} indecente, e p.^a se stranhar, pello q̄ mando pena de Ex.^{nam} e de q.^{los} reis p.^a a confr.^a do s.^{or} que nenhũa pessoa malhe, nem recolha fructos alguns nos d.^{os} lugares q̄ só forão erigidos p.^a os fieis nelles orarem, e não p.^a seruirem de Eiras, e çeleiros. • (Liv. cit., fl. 4).

Uma página linda, como se vê.

Factos frequentes outrora e hoje; livros de visitas de outras igrejas teem-me dito coisas semelhantes, e não é raro ficar-me entristecido a olhar para escombros de pequeninos santuários, por esta região da Beira, que parece querer dizer adeus aos santos que venerou.

⁽²⁾ Livro das Visitas, fl. 46 v.^o

⁽³⁾ Livro citado, fl. 50.

⁽¹⁾ Memórias Parochiaes, loc. cit.

⁽²⁾ * Maio — Todas as sexta-feiras Ladaínha com Missa á Capella de S. Pedro. • Seguidamente em letra diversa • achão-se mudadas p.^a a Capella da Snr.^a dos Anjos. • Loc. cit. no texto um pouco anteriormente.

mentos próprios dever-se-iam consumir inteiramente; nada restaria para se aplicar às capelas. Isto é-nos confirmado pelo cônego da Sé de Coimbra, João da Costa Saraiva, que em 1718 louva o zelo dos paroquianos de Avô, e por ver que se tinha gasto muito com ela, dispensando-os de a mandar soalhar logo ⁽¹⁾.

Não se torna a falar em San-Pedro senão em 1744.

Vinha em visita o Dr. Manuel Rodrigues Teixeira, Vigário de Maçãs de D. Maria, Comissário do Santo Officio, Juiz dos Resíduos, Chanceler e Vigário Geral.

Foi até à capela, viu bem tudo, ordenou:

* Necessita a Capp.^a do Glorioso Appostollo Sam Pedro de ser rebocada e cayada, e tambem rebocado o tecto della para melhor rezistir aos temporaiz = de se fazer hum retablo novo em que o mesmo Sancto esteja com decencia = De hum frontal de madr.^a pintado de hũa handa com boas pinturas de festa e pella outra com as proporsionadas para o 1.^o de Advento e Quaresma, e de ser conserçada a vestimenta de setim com estolla e manipullo = de hum cordam de boas linhas = De trez pallas de linho bem emgomadas; e tambem necessita o caixam dos ornamentos de ser conserçado: a cujas despesas está obrigada a Fabrica da Capp.^a mor desta Igr.^a; e por isso m.^{do} que o Rev.^{do} fabricario dela no termo de trez meses por conta da m.^a Fabrica ponha em ex.^{cam} o referido mandando-o fazer; e q.^{do} a isto falle: o R.^{do} Parroco sob de obd.^a findo o dito fr.^o de conta com o theor deste cap.^o a Meza da Justissa Ecclesiastica para contra elle se proceder como parecer justo. O m.^o R.^{do} Parroco no termo de quinze dias fará demolir os Altares que estam na dita cnp.^a, de S. Ildefonso e de N. Snr.^a da Pied.^e v.^{lo} não estarem ornadoz, nem haver q.^m os orne; e a Imagem de S. Ildefonso fará collocar no Altar do Glorioso S. Pedro. ⁽²⁾.

Estou em crer que nada do que se ordenou nesta visita, se fez; nem retábulo, nem frontal, nem paramentos (agora não tem nenhuns). Os altares laterais desapareceriam quando da quasi ruina em que a capela esteve e a camada de tinta que a imagem tem a deformá-la, parece-me ser posterior.

Foi então que se começou a acentuar a sua decadência. Algumas freguesias, como disse, foram dispensadas de ali irem com as Ladainhas, e outras foram-se dispensando. O próprio edificio arruinava-se.

Do seu estado de miséria diz-nos claramente Inácio José Gomes da Silva, Prior de Santa Comba Dão.

A 11 de Novembro de 1775 vai em visita a Avô, e carinhoso, enternecido pelo passado da capelita lá do alto, escreve no livro das visitas:

* Constame q̄ a capella de Sam Pedro de entre as moutas desta freguesia he munto antiga, e a ella concorrem com estreimada devoçam os poucos destas vezinhanças e indo muntos delles com sua crus em prociçam a dita capella repetidas vezes no anno; esta capella acha-se com huma parede arruinada e por consequencia neccitada de caibrada e filha da para nella continuar a antiga devoçam destes poucos e nella se celebrar o altissimo sacrificio da missa, e como nam tem rendimento algum para a sua reedificaçam e esta freguesia tanto se entereça em que presista e se nam extinga esta devoçam, e concurso das uezinhas e no que respeyta ao mais esta sufficiente paramentada mando que o R.^{do} Parocho perpondo primeyro na lg.^{ra} ao pouo a perciçam q̄ ha desta obra a seu consentimento proceda com dois homens bons e de sam consciencia aualiando-se primeyro o importe da dita obra proceda a finta e coando os mesmos repugnem o Juis da lg.^{ra} requererá ao D.^{or} Prouedor desta comarca com theor deste Capitulo que o dito Reuerendo Parocho lhe darâ para que o mesmo refissimo menistro mande proceder â dita finta para que se conserve a devoçam o que se executara dentro em dois meses e coando assim se nam execute fique suspensa a mesma capella e o R.^{do} Parocho para conduzir os santos da mesma capella para a sva Igr.^a aonde os collocarão em lugar decente o que tudo espero faça pelo seu zello e coando por falta de telha se não conclua a obra da dita capella nam he minha intençaõ q̄, neste caso fique suspensa contanto que havendo telha nova ella se neste tempo se conclua. ⁽³⁾.

Não sei se o pároco, o juiz da igreja, ou aquele outro *retissimo menistro* fizeram alguma coisa, mas presumo que não. Presumo que ninguém se importou que, passados os dois meses dados para a compor, ficasse suspensa; nem o

pároco também teve o incómodo de transportar os santos para a igreja.

1815, o interdito...

* Porque as Capellas do lugar da Moura, de São Pedro, e do Santo Christo situadas nos suburbios desta Villa estão incapazes dos seus fins e de se celebrar nellas o augusto Sacrificio da Missa tanto em razão dos estragos dos edeficios como da falta dos Paramentos indispensaveis: ficam suspensas athe que seão reparadas, e paramentadas, com a devida decencia do qual julgará o Reverendo Arsiipreste do Distrito. ⁽¹⁾.

O livro das obrigações e dos usos e costumes, em 1817, dá-a ainda como interdita, e alguém, mais tarde, põe-lhe uma nota dizendo o mesmo.

Continuou assim por anos; abandonada de todos, sem ninguém que se recordasse do seu passado, em que havia lágrimas.

Aquele velhinho que encontrei junto dela, tinha tristezas no olhar ao contar-me daquele tempo em que ela não tinha telhado, nem portas, as silvas cresciam lá dentro, e os garotos que pastoreavam vinham brincar com a imagem.

Pelos meados do século último, em ano que não pode determinar, um José das Neves, de Anseris, condoído daquela miséria, pôs-se a pedir pelos povoados serranos para a recompor, o que conseguiu.

Como ficou dito, voltaram as cruces de Avô, Pomares e a de Anseris pelas Ladainhas menores. E foi de ver como os desta última freguesia olhavam para os de Avô e lhe iam gritando que a capela era deles, muito deles — eles a tinham composto. Ora os de Avô não gostaram, e vá de começarem rixas, de pegar no San-Pedro e tentar levá-lo para a sua igreja, eles que o tinham criminosamente abandonado.

Como durante alguns anos se repelisses as desordens, as justicas de Oliveira-do-Hospital e de Arganil, a que perenciavam respectivamente Avô e Anseris, tiveram de intervir, e à face do tombo velho, agora desaparecido, declararam ser a capela de Avô. Os daquela outra, muito dignos, voltaram costas, desceram a ladeira, e nunca mais Anseris voltou a San-Pedro.

Era já um pouco para a tarde. A capela oirava-se: um ramo acariciante de oliveira punha-lhe uma sombra rala, no alto da frontaria, e outra menor bordava a porta velhinha. As serras enterneciam-se pouco-a-pouco. Pinheiros, de em volta, extáticos, rezavam. E uma paz, um sossego, pairava brandamente.

Olhei-a enternecido, recordei-lhe o passado.

Ladainhas da Páscoa, ladainhas de Maio, que lindas não seriam!

Dezôito freguesias a soluçá-las, dezenas de vozes numa súplica grandiosa ao Senhor; o sol a cantar nos vestidos, no latão das cruces, talvez naquelas flordelizadas da Feira e de Avô, tão simples e tão graciosas.

Tudo se foi. Agora só duas lá vão.

O' párocos de Avô e Pomares, meus doces amigos, continuai com a tradição meiga.

As vozes dèsses serranos, vozes doridas como as litánias, continuem a gemê-las; os seus fatos negros a ir chorar à capela antiga; e a plangência arrastada do canto, a soar unisono com o ramalhar dos pinhais por onde passam.

NOGUEIRA GONÇALVES.

(1) Idem, fl. 582.

(2) Idem, fl. 75 e v.^o

(3) Idem, fl. 95 v.^o e 94.

(1) Idem, fl. 111. O visitador era o R.^o José da Costa e Silva, prior e arciipreste de Nogueira-do-Cravo, a que Avô perencia. Actualmente é sede de Arciprestado.

CONTOS
E
NOVELAS



NOITE
DE
MAIO

LINDA aquela lua de Maio. lua ainda crescente a que as nuvens não deixavam exalçar toda a sua argêntea pujança. Se a nuvem que a encobria era diáfana, um floco ténue, o luar amortecia, como que a descansar um pouco do dispêndio de energia luminosa. Mas nem sempre as nuvens eram translúcidas, desfinbriadas, vaporosas, e, por vezes, espessando-se, deixavam unicamente aparecer o desenho discóide da lua; quando negras, isso mesmo escondiam, levando toda a claridade para o seio da sua massa tenebrosa.

Sem o luar, o jardim tornava-se triste e de triste fazia-se assustador. As árvores pareciam crescer, alongar-se para os céus, alastrando para os lados, nuírem-se umas às outras vestindo-se de luto e não mais a limitar alamedas mas circunscrevendo manchas sombrias, de contornos indefinidos, esfuminhando-se na escuridão.

Ao voltar a luz, na retirada da nuvem, todo aquele conjunto aniquilador se resolvia em linhas exactas, assinalando os limites dos troncos, o nascimento dos ramos, os contornos das fôlhas; o resto ficava numa meia-tinta esbatida, não menos impressionante, não menos bela.

E' lindo, sempre lindo, o clarão do luar; envolve-nos e não nos queima, alumia sem deslumbrar; é frio como a morte e suave como o túmulo; vela o sonho do dormiente e acaricia o sonhador acordado.

O jardim rejubilava, estendendo-se, espreguiçando-se, naquele banho consolador que a lua lhe oferecia. Entre as fôlhas, o vento ciciava baixinho uma melopeia subtil, daquelas que só a música da Natureza conhece. Um pé de Eduardo impulsionou uma pedra e ela foi engolfar-se

no meio do lago; a água, espadanando, ficou a vibrar em ondulações sinuosas sôbre cujas pregas a lua se reflectia e tinha aspectos estranhos na imagem. Parecia uma gota de prata fundida, caída ali, procurando repouso na água esverdeada. Alongava-se, retraía-se, alargava-se, encollia-se, em movimentos alternos e apressados; e a gota imensa boiava à tóna do líquido ou mergulhava por êle a dentro.

De longe vinham rumores confusos, quasi apagados, ululando docemente ao morrerem no solo e nos ares. Um cão, afastado, ladrava com insistência; umas vezes furioso e outras tristonho. Lamentos plangentes, formados de latidos agudos, degenerando para uivos violentos, sombrios, com entoações funéreas... Era a emoção cidadina agonizando ao transitar para o silêncio dos campos.

Passou uma nuvem muito negra ante o disco lunar, embrulhando tudo em sombras. Ao longe, o cão ouvia-se sempre, num misto de inquietação e tristeza; tinha um ladrar entrecortado de latidos, terminando no eterno uivo. Da cidade, o murmúrio vinha às ondas, uma mais forte do que outra, esta alastrando mais do que aquela. Ao clarão lunar todos os ruídos soluçavam saídade, mas sem êle fundiam-se em gélidos tremores, arripiando no recinto semi-fantasmagórico, teatral, digno de mágica.

(Do livro a sair *Almas em sangue*,
fragmento do conto «A Vida».)

BARBOSA SUEIRO.

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Capitão JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS. = TÍTULO I. — LIVROS (PROSA)

ADENDA (CONTINUAÇÃO)

- 188 **Ben Rosh** (A.) (pseudónimo de Artur Carlos de Barros Basto) — (Cap. de Inf.^ª, do Bat. de Inf.^ª 00 do C. E. P.) — «Terras de Morte e de Fé (Quadros oryamistas na Flandres)» — folh. 41 p., (0,085×0,151), Imprensa Civilização, Porto, s. d. Edição do Instituto Oryamita do Porto.
Na capa e no frontespício o selo emblemático do Inst. Oryam. do Porto.
- 189 **Brandão** (José Augusto ... Pereira de Mello) — (Capitão Miliciano de Artilharia, do 2.º G. B. A. do C. E. P.) — «9 d'Abril! (Palavras dum soldado de Portugal)» — folh. 8 p., (0,113×0,169), Tipografia Santos & C.^ª, Vizeu, 1925. Edição do Autor. (O produto líquido da venda deste opúsculo destina-se à Liga dos Combatentes da Grande Guerra).
- 190 **Cértima** (António de) — «A legenda dolorosa do Soldado Desconhecido de África» — folh. 14 p., (0,110×0,210), Tipografia de Luís Beleza, Lisboa, 1925. Edição do Autor. Com um prefácio, «Inscrição», de Afonso Lopes Vieira.
- 191 **Lança** (Jaime) — «A Moreninha» — Novela, 24 p., il. e c. il. por Bento Correia, (0,091×0,115), Tip. Americana, Lisboa, 1924.
(E' o vol. N.º 3 da colecção «Novela Contemporânea», dirigida e editada por Jaime Lança.)
- 192 **Patrício** (Artur) — (Ex-1.º cabo de Artilharia) — «Impressões de viagem a bordo do «Moçambique» ao Sul de Angola (Notas dum expedicionário)» — folh. 24 p., c. il. com retrato do Autor, il. com 3 fotografias, (0,080×0,132), Centro Tipográfico Colonial, Lisboa, 1925. Edição do Autor.
- 193 «**Campanha no Sul de Angola. 1914-1915**» — folh. 77 p., (0,098×0,172), il. com o retrato do General Pereira de Eça, Tipografia da Escola Militar, Lisboa, 1922.
(Comemoração do 7.º aniversário da Tomada da N'Giva nos dias 3 e 4 de Setembro de 1922. Discursos e artigos consagrando a memória do General Pereira de Eça e o êxito da Campanha). O produto líquido da venda deste opúsculo reverte para os Orfãos da Guerra da Casa dos Filhos dos Soldados Portugueses.
- 194 **Ribeiro de Carvalho** — «Maldita seja a guerra...» — 81 p., c. il., com retrato do Autor, (0,085×0,131), Tip. Americana, Lisboa, 1925. Edição da «Lumen», Lisboa. (Contém 7 contos, três dos quais já publicados noutro volume. Ver espécie n.º 183 do Título I).
- Atar, Genève, s. d. (1917). (Conferência feita em Lausanne, em 12 de Maio de 1917, numa festa organizada pelo «Comité de secours aux Militaires et Civils Portugais prisonniers de guerre»).
- 196 **Costa Lôbo** (Dr. Francisco Manuel da) — (Lente da Universidade de Coimbra) — «Le problème mondial et l'action du Portugal» — 362 p., c. il., il. com um mapa e 4 retratos, (0,085×0,135), Imprensa da Universidade, Coimbra, 1921. Com prefácio do Autor. (36 capítulos em que são estudados: aspectos gerais do «problema mundial», acção de Portugal durante e após a guerra, o esforço militar e financeiro português, a situação económica de Portugal no final da guerra e as relações internacionais portuguesas).
- 197 **Homem Cristo, Filho** (Francisco de) — «Le Portugal contre l'Allemagne» — 121 p., (0,074×0,122), Editions Fast, Paris, 1918. (Contém: A conferência feita pelo Autor na Sociedade de Geografia de Paris, a 27 de Junho de 1918, organizada pelo «Comité International des Ligues Anti-germaniques»; Discurso do P.º Wetterlé, presidente do referido Comité; Discurso do Ministro de Portugal, Dr. Betencourt Rodrigues; Carta de Paul Adam; Discurso de Maurice Barrès e Discurso de Jean Richepin).
Tem 3.ª edição.
- 198 **Idem** — «Les Porte-Flambeaux» — 260 p., (0,082×0,130), Imprimerie Lang, Paris, s. d. Edição Fast, Paris. Com prefácio do Autor. (Contém estudos de Clémenceau; Anatole France; Cardinal Mercier; Paul Adam; Jaurés; Maurice Barrès; Marechal Foch e Presidente Sidónio Pais).
Tem 10.ª edição.
- 199 «**Memorandum. Quelques idées opportunes offerts à la considération de la Conférence de la Paix par le Général de Division réformé en 1909, ancien officier du Génie portugais Pedro Romano Folque**» — 134 p., 1 de Table e 1 s. n., Tip. do Anuário Comercial, Lisboa, 1919.
- 200 **Osório** (Paulo) — «Le Portugal et la Guerre» — Payot & C.^º, Paris, 1918.
- 201 «**Portugal (Le)** dans la guerre. Lois et décrets République Portugaise» — folh. 88 p., (0,091×0,171), Imprimerie Nationale, Lisbonne, 1917.
- 202 «**Portugal (Le)** dans la guerre. Lois et décrets. 2.º série. République Portugaise» — folh. 53 p., (0,091×0,171), Imprimerie Nationale, Lisbonne, 1919.

Anexo A

(Originais de autores portugueses em lingua francesa)

- 195 **Conte de Penha Garcia** — «La Patrie Portugaise» — folh. 44 p., (0,081×0,142), Imprimerie

(Continua).

JOSÉ-BRANDÃO.

FIGURAS E FACTOS

INICIATIVAS QUE DIGNIFICAM

EM Vila Nova da Barca houve há tempos um gesto patriótico dum dos seus filhos, que deixou comovidos de gratidão e entusiasmo todos os habitantes da laboriosa aldeia.



O edificio da Escola de Vila Nova da Barca, no dia da sua Inauguração

zação dêsse melhoramento, mandando construir o dito edificio e dotando-o depois do mobiliário pedagógico necessário.

Tão nobre gesto mereceu de todos os seus conterrâneos as mais ostensivas provas de veneração, tendo decorrido com o maior brilho as festas da abertura da dita Escola, que ficou um es-



Alguns dos manifestantes com o homenageado, no dia da inauguração da Escola

O Capitão sr. Gomes da Silva, regressado da África, onde se encontrava em serviço da Pátria, vendo que a sua aldeia carecia de um edificio escolar, tomou êle próprio à sua responsabilidade a reali-



Capitão GOMES DA SILVA

tabelecimento com todos os requisitos modernos de estética e comodidade.

O homenageado ofereceu, a seguir às festas da inauguração, um lauto banquete aos seus amigos que se encontravam presentes. Actos patrióticos desta natureza, é de justiça que não fiquem no esquecimento.

EMÍDIO C. REBÊLO.

.....

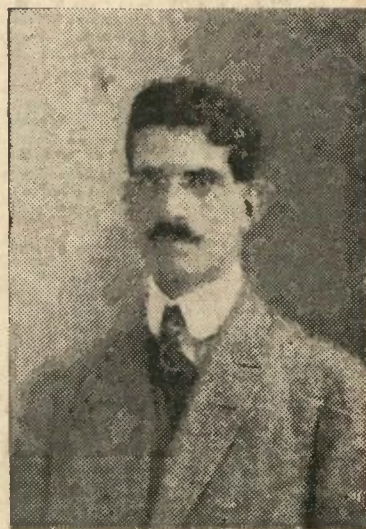


LEÃO CORREIA, laureado aluno da Faculdade de Farmácia de Lisboa, e inspirado poeta, que vai iniciar na "Alma Nova", uma secção de química aplicada.



DR. ÁLVARO COLAÇÃO, illustre Assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa e escritor muito culto, que publicou recentemente o curioso livrinho "Alma do Cirurgião",

.....



NUNO CATARINO CARDOSO, segundo escritor e um dos nossos mais apreciados anatólogistas, que acaba de publicar "A Pátria Portuguesa e Brasileira",

PÁGINA DOS TEATROS

ÂNGELA PINTO

NA scena portuguesa, era das maiores. Em cada papel que interpretava tinha uma criação. A sua biographia é simples, — igual à de todos os artistas que pelo seu valor se fizeram grandes: — um periodo de tentames, mais ou menos obscuro, uns solavancos na vida, umas hesitações, depois a revelação e a glória. Nasceu em Lisboa a 15 de Novembro de 1869, iniciou-se em Setúbal, num teatro de barraca; veio a seguir até ao Rua dos Condes, aonde, depois de várias peregrinações prometedoras, volta de novo, com os seus 23 anos estouvados, irrequietos e brincalhões, para receber, na «Manuela» do «Solar dos Barrigas», as primeiras ovações do verdadeiro triunfo. Como cantora de opereta, a sua vivacidade empolga e todos os palcos a disputam. Depois entra no drama e vence



também. Vence em Portugal e vence no Brasil, para onde segue numa tournée do D. Amélia em princípios de 1910, regressando em Outubro do mesmo ano. O último teatro em que representou foi o Politeama, onde há 3 anos, acometida de doença súbita, quando representava, lora obrigada a fazer para sempre as suas despedidas do público. O pequenino cálice do seu corpe era já demasiado frágil para conter a efervescência da sua alma. E ela, que sempre soube rir, abandonava a scena... chorando. Tinha de ser... A morte só veio, porém, buscá-la este ano, embora a artista já tivesse morrido há muito para o público. Mas se o seu vulto foi, de facto, a enterrar, alguma coisa ainda nos ficou: — a sua glória e as suas criações. Essas serão eternas.

M. M.

IMPRESSÕES E CRÍTICAS

Eduardo Brazão e Lucien Guilty morreram. Quasi simultaneamente, a raça latina perdeu dois formidáveis intérpretes das paixões e das ideias transformadas em Arte. Brazão era o ritmo, a elegância. A altitude, a irradiação da Beleza pela forma escultural feita sinfonia, era a sua grande lora — e uma das mais potentes no teatro. Lembrar interpretações? Para quê? Não-de sossobrar com as gerações que o admiraram.

Os apóstolos morrem; só as ideias ficam, para que outros apostolizem!

Lucien Guilty foi criticado assim, por Francisque Sarcey, quando se estreou na *Dama das Camélias*:

«Ce malheureux enfant — il a dix-sept ans — ne sait ni s'habiller, ni se coiffer, ni faire sa figure. Il nous est arrivé avec une mèche de cheveux en accroche-cœur sur le front! Quelle mèche! La salle entière en a tressaillé. Et des moustaches! Non, vous n'imaginez pas quelle figure lui donnaient ces moustaches. Ses habits lui remontaient dans le dos et faisaient des plis. Il jouait les bras collés au corps, guindé et froid. Trois actes sans un éclair de sensibilité, ni de passion. Nous étions consternés. Il nous semblait que lui-même devait horriblement souffrir. Il s'est enfin dégelé au quatrième acte. Il a dit avec beaucoup de véhémence la grande scène classique des billets de banque jetés à terre.

«Il a une voix admirable, ce garçon; il sait exprimer, avec des effets contenus et retenus, les élans de la passion la plus violente. Cheveux et moustaches à part, il a la figure intéressante. Il apprendra vite ce qu'il ne sait pas encore.»

Cedo se tornou, efectivamente, o mestre inigualável da naturalidade simples. O seu trabalho de sentimento moldava-se nas harmonias estudadas pela intelligência:

«J'apprends un rôle — dizia —, je le joue de mon mieux, et puis arrive le moment du véritable effort: celui qui consiste à ne plus jouer, à vivre...»

Guilty era um Artista, dirigiu-se à Perfeição. As suas palavras e o exemplo da sua vida marcaram o Norte dos que pretendem ser Artistas verdadeiros no Teatro.

Abriu o «Teatro Novo» com a peça *Knock* de Jules Romains — Louis Farigoule, — poeta e escritor que, aos vinte anos, tentou revolucionar a Arte pelo *unanimismo*, ou seja pela análise de estados psicológicos colectivos em vez de estados de alma particulares a cada individuo, ou da parte da psicologia individual em ligação com o espirito da colectividade por influencia do meio.

Filiada ainda nas ideias primitivas do autor onde, juntamente com a ausência de conflito sentimental, reside a sua originalidade, trata por forma diversa assunto largamente estudado pelo génio de Molière, pelo nosso grande Gil Vicente e por Jerónimo Ribeiro no *Auto do Físico*.

Muito bem desempenhado pelos elementos de interpretação dirigidos por Joaquim de Oliveira, não alcançou um êxito proporcional ao acolhimento das plateias francesas e alemãs, devido talvez ao ambiente criado em volta da iniciativa dos orientadores do «Teatro Novo», por eles próprios, pelos que a atacaram e pela errada interpretação da realização scenográfica, principalmente no primeiro acto.

O cenário *pseudo-sintético* em negro não continha nada da coloração essencial da paisagem. O «Teatro Novo», foi, porém, uma espécie de luferricante para as articulações do progresso da arte scenica, quasi paralizado pelo *óxido de rotina* em Portugal.

O pequeno salão do Tivoli foi adaptado, em geral, com muito bom gosto, seguindo as tendências decorativas modernas e, acima de tudo, a iluminação da sala, sem incidências desconcertantes de luz, constitue um grande ensinamento, numa terra em que o teatro que se constrói é igual ao construído e ao que está em projecto, iluminados a raios X que, atravessando indiferentes a elegância das linhas e a expressão das côres, exibem aos nossos olhos atordoados visões sinistras de esqueleto humanos.

S. Carlos, vai-nos oferecendo, de quando em quando, por intermédio da Sociedade de Concertos, admiráveis serões de arte musical. A orquestra do maestro Arbós trouxe-nos execuções magistrais de obras dos melhores autores e a nossa grande violoncelista Suzgja deu-nos com a orquestra uma audição inesquecível. Terminada a época da companhia Lucilia-Erico apparece-nos Mimi Aguglia. E Margarida Lopes de Almeida, primeiro prémio de escultura da Escola de Belas Artes do Rio-de-Janeiro e *discuse* de invulgar talento, num recital poético fez pairar sobre um publico de *élite*, harmonias soberbas de almas de excepção.

Estamos entrando numa fase em que as revistas começam, por imitação do que vai no estrangeiro, exhibindo hons artistas de variedades. O S. Luis apresentou-nos Mercedes Serós, Yvonne Vallé, Chevalier. Agora Rose Anny, Marcel Vallée e a cigana Carmen Vargas.

O Coliseu na sua temporada lirica, deu várias récitas com o tenor Fleita, que não possuindo uma voz de rara beleza entusiasmou pelo maneira como terminava as frases noláveis, utilizando com arte o seu extraordinário fôlego.

Foi dissolvida a companhia do Politeama. A sua intelligente primeira actriz, Amélia Rey-Colaco — cuja escola não logrou colocar-lhe a voz no peito (o que lhe absorve grande parte do poder emotivo), — se não tratar da garganta corre, talvez, o perigo de uma afonia prolongada.

No Avenida, Maria Helena, a interessante actrizinha, filha de Maria Matos, desempenhou com muito brilho o seu papel na comedia inglesa «Peg of my heart», traduzida com o titulo «Era uma vez uma menina...»

No Joaquim de Almeida, desde a inauguração, Palmira Bastos interpreta a «Severa» de Julio Dantas, à qual deu um aspecto muito discutiavel, mas interessante.

ESTRANGEIRO

ESPAÑA — Madrid continua a ser, a pesar da crise que atravessa, um grande centro de Arte teatral, dispondo de óptimos artistas. As primeiras representações succedem-se no drama, na comédia, na zarzuela e na revista.

Na comédia, entre outras, de nomes consagrados, foi bem recebida «El amor no es eso», estreia do novel autor Cecilio Barberán e; «Que hombre tan simoático!», de Arniches, em que a primeira actriz Teresa Fávano alcançou um grande triunfo. Traduzida do alemão, com o titulo «La carrera», a comédia de Shirokaner e Rosenhayn, foi o maior êxito dos últimos tempos, com a grande Maria Palón. Para o seu agrado concorreram muito os scenários modernos de Mignoni, Colmenero e Brunet.

No drama, representaram-se com êxito: «Son mis amores reales», de J. Dicenta; «Miedo a la Verdad» de Orbera e Camargo, e «El rodeo», de Luis Araquistán.

Em Barcelona, no Olimpia, o espectáculo de arte «Napoleónicas» foi o grande acontecimento teatral, devido principalmente ao quadro final dos «Jardins de Versailles», em que oito monumentais *ros de Napoleão* saltam para um enorme lago.

FRANÇA — Paris, além das revistas, onde se embriagam os olhos de centenas de milhares de forasteiros e em que se exibem as mais célebres figuras de Music-Hall e vaudeville, como as «dezoito Hoffmann Girls» no Moulin Rouge; a «Mistinguett», no Casino; «Raquel Meller» no Palace, etc., não vive os melhores tempos da arte teatral.

A parte comercial das explorações domina a parte artistica e o objectivo consiste em arrancar até aos últimos francos os capitais da população flutuante, que de todos os cantos do mundo apparece de visita à «Exposição de Artes decorativas».

Em todo o caso, no *Théâtre des Arts*, a crónica em forma de peça de Benard Shaw «Saint-Jeanne» marca pela unidade artistica que lhe imprimiu M. Piloell, conseguindo efeitos invulgares de luz e côr, emprestando-lhe um ambiente adequado ao desenvolvimento da obra do grande autor irlandês.

INGLATERRA — Londres, deu-nos um grande êxito no drama «expressionista», com música de Mr. Rae, «Beggar on Horseback» no Queen's Theater. E' uma peça de propaganda das conhecidas teorias de Freud. No Teatro Garrick o drama «Rain» de John Colton e Clemence Randolph, cujo assunto foi extraído de uma obra do novelista norte-americano W. Somerset Maryham, obteve um belo agrado.

ITALIA — Em Roma, no teatro Manzoni, a companhia veneziana de Cicheluzi deu a comédia de Rossato «A fabrica de diabinhos». No Teatro de Arte de Pirandello a obra melodramática do escritor suizo Ravign e do compositor russo Strawinskig, «Historia de um soldado», impressionou pela originalidade dos processos de realização.

AMÉRICA DO-NORTE — Nova York entusiasmou o seu publico com o luxo, a riqueza da *mis-en-scène*, e a música encantadora da «Rosa da China».

EDUARDO.

PÁGINA DESPORTIVA

POR

RIBEIRO DOS REIS

FUTEBOL INTERNACIONAL.

Com um mês de intervalo, Portugal acaba de realizar os seus dois únicos encontros internacionais desta temporada. O nosso calendário internacional, que até este ano se limitava ao *match* com a nossa vizinha Espanha, encontra-se agora enriquecido com o jogo contra a Itália, que nos abre melhor as fronteiras internacionais, permitindo que lá fora se ajuize com mais segurança do nosso valor. Partidários incondicionais do inter-câmbio desportivo que reputamos um motivo excelente de aproximação dos povos, folgamos com o facto de termos alargado um pouco mais o âmbito das nossas relações, que precisamos cultivar cada vez mais, porque nisto vai a melhor propaganda da nossa terra.

Sempre defendemos a necessidade de estabelecer contacto com as outras nações, a fim de colhermos ensinamentos proveitosos e melhorarmos os nossos métodos de preparação e a nossa classe, por um aproveitamento mais eficaz dos nossos recursos. A Espanha é, evidentemente, o país com quem mais estreitas relações devemos manter. Esse estreitamento de relações, impõe-se por todos os motivos, pela própria situação geográfica dos dois países e pelas afinidades de toda a espécie que ligam os dois povos irmãos, que tantos pontos de contacto mantêm através da sua história, dos seus costumes e da sua própria linguagem.

Quando no início desta temporada se aventou a hipótese de não se realizar o encontro anual contra a Espanha, ou de estar pelo menos muito comprometida a sua realização, houve sérias preocupações nos nossos arraiais desportivos. E' que o encontro com a Espanha, a única competição internacional que até então disputávamos, não tinha para nós apenas importância sob o ponto-de-vista desportivo. A Espanha, pela sua categorizada posição no mundo do futebol, era uma pedra de toque excelente para o nosso valor e servia à maravilha para a comparação dos nossos recursos, mas era sobretudo uma porta aberta para mais largos vãos. Cultivámos o encontro com os nossos vizinhos com o fim duma maior e mais completa expansão de relações com outros países, relações um tanto dificultadas pela nossa situação geográfica, no canto ocidental da Europa, longe, portanto, dos grandes centros futebolísticos.

A Espanha era o único traço de união que mantínhamos com o futebol internacional. Qualquer solução de continuidade nas únicas relações criadas poderia ser-nos extremamente prejudicial, afirmámos nós há alguns meses atrás, quando a realização do encontro não estava ainda completamente assegurada. Felizmente esse perigo passou. Fez-se o encontro com a Espanha e pudemos até ir mais longe, pois travámos conhecimento com o futebol italiano. O encontro Portugal-Itália, que marca como um grande acontecimento para a nossa vida desportiva, foi encarado antes da sua realização com um certo desprezimento, não se criando à sua volta o ambiente necessário, nem se lhe dando a conveniente importância. Os relatos do encontro Espanha-Itália, dando conta do valor indiscutível da *squadra* azulra e das sérias dificuldades em que se viu o onze espanhol para vencer em sua própria casa, lograram, porém, chamar a atenção do público, e a prova foi então encarada com o interesse e o entusiasmo dos grandes jogos.

Um pouco bafejados pela sorte, que tanta vez nos tem abandonado, conseguimos contra a Itália, o nosso primeiro triunfo internacional. Mais que o orgulho da vitória, satisfaz-nos o sabermos que este nosso primeiro sucesso vai transpor os Pirinéus, essa enorme barreira que nos tem isolado até agora do contacto mundial. A nossa vitória sobre a Itália, que mantém relações com os países mais adiantados do futebol europeu, vai constituir a melhor propaganda da nossa terra e dos nossos jogadores.

Estamos certos de que este triunfo vai facilitar grandemente o alargamento das nossas relações internacionais. A Itália e a Espanha, as duas grandes vedetas do futebol latino, que são presentemente os únicos pontos de referência mediante os quais nos conceituamos lá fora, virão juntar-se outros países, parecendo estar já assegurado um encontro com a Tchecoslováquia.

O nosso calendário internacional valoriza-se, portanto, não pelo número de encontros, mas pela qualidade dos adversários a defrontar.

NOTICIÁRIO DO ESTRANGEIRO

FUTEBOL. — A *International Board*, reunida há dias, aprovou as seguintes modificações às regras do jogo:

De futuro, no *throw-in* (lançamento da bola em jogo), o jogador tem de se colocar fora do terreno, não podendo pisar a linha de *touch*.

O jogador não estará agora em *off-side* quando tenha pelo menos dois adversários na sua frente. Como se sabe, antes era necessário ter três. Esta nova disposição vem obrigar a pôr de lado o conhecido sistema defensivo *one back system*.

— Na final do campeonato da Suíça o *Servette* de Genebra bateu por 1-0 o *F. C. Berné*.

— Na final do campeonato da Alemanha o *F. C. de Nurenberg*, vencedor do último ano, voltou novamente a triunfar, batendo por 1-0, depois de prolongamentos, o *F. S. B. de Francfort*.

— Para a final do campeonato de Itália foram apurados o *Genoa* e o *Bologna*.



TENENTE RIBEIRO DOS REIS

um dos nossos maiores e mais conhecidos "sportsmans", que passa desde hoje a dirigir esta página da "Alma Nova"

Nos dois primeiros *matches* que fizeram o resultado foi sempre um empate. Jogaram pela terceira vez em Milão e novamente empataram por 2-2, recusando-se o *Genoa* a jogar o prolongamento regulamentar e apresentando um protesto sobre vários incidentes ocorridos durante o encontro, protesto que ainda não teve o seu desfecho. Ao que parece o campo dificilmente comportava a enorme assistência, estando muitos espectadores sobre a linha de *touch*, o que dificultou bastante a marcha do jogo.

— A selecção da Dinamarca bateu os *Corinthians* holandeses por 3-0.

— O *Huddersfield*, campeão da Liga Inglesa (profissionais), bateu por 6-1 o grupo norueguês *Braun*.

— Os famosos campeões uruguaes empataram por 1-1 contra o excelente grupo austriaco *First Vienna*.

— O excelente grupo alemão *Wacker* de Munich bateu por 5-2 o *Europa* de Barcelona.

— O *F. T. C.* de Budapest empatou por 0-0 com o célebre *M. T. K.* e bateu por 1-0 o *Szombathely* que até ano jogou entre nós.

— O *Vasas* de Budapest bateu por 3-1 o *Polonia* de Varsóvia, que há pouco venceu copiosamente o grupo francês *Gallia Club*, de Paris.

— Resultados dos desaios internacionais ultimamente efectuados:

Inglaterra-França	3-2
Bélgica-Hungria	3-1
Bélgica-Suíça	0-0
Espanha-Suíça	3-0
Tchecoslováquia-Austria	3-1
Noruega-Finlândia	1-0
Suécia-Finlândia	4-0
Dinamarca-Suécia	2-0
Espanha-Itália	1-0
Portugal-Itália	1-0

— O *Stade Français*, campeão de Paris, que trouxe à Europa os famosos jogadores brasileiros do *A. C. Paulistano*, deve retribuir-lhe a visita no final da temporada de 1926. Os franceses jogarão em San-Paulo e no Rio, alargando um pouco a sua *tournee* até Montevideo e Buenos Aires.

BOX. — O jovem proligio francês, *Mascart*, acaba de conseguir duas vitórias na América,

halando aos pontos, Carl Duane e Tommy Noble.

— Num combate realizado ultimamente em Londres, *Millingan* bateu o italiano *Frattini*, campeão da Europa (médios).

— No Circo de Paris, *Kid Francis* bateu nitidamente aos pontos, em 12 rounds, o conhecido *Charles Ledoux*.

— Gene Tunney bateu por K. O. ao 2.º round Tom Gibbons, que era considerado como o mais perigoso rival de Dempsey, que o vencera apenas aos pontos, num combate que durou 15 rounds. Dempsey, que se encontra na Alemanha fazendo exhibições a 15.000 dollars por semana, desafiou Tunney para um próximo combate.

DESPORTOS ATLÉTICOS. — Na Alemanha realizou-se recentemente uma interessante prova de estafetas entre Postdam e Berlim (25 quilómetros por *équipes* de 50 homens).

Concorreram 31 *équipes*, tendo saído vencedora a do *S. C. Charlottenbourg* que completou o percurso em 59'44".

— O excelente corredor sueco *Edvin Wide* cobriu recentemente os 3.000 metros em 8' 27" ²/₁₀. Se esta sua *performance* for homologada, fica batido o *record* mundial da distância, que pertence ao fenomenal finlandês *Pavo Nurmi*, com 8' 27" ²/₁₀.

— Em Londres, o conhecido *sprinter* *Porritt* fez recentemente as 100 jardas em 9' ⁴/₁₀. — No *match* que anualmente disputam as *équipes* representativas da França e da Bélgica, e que este ano se realizou no domingo, 14, a França venceu facilmente por 76 pontos contra 39.

Damos a seguir alguns dos melhores resultados obtidos: 100 metros, 10' ⁴/₁₀; 200, em 22"; 800, em 1' 59" ²/₁₀; peso, 13" ¹⁰/₁₀; disco, 37" ¹⁰/₁₀; comprimento, 7" ¹⁰/₁₀; altura, 1" ⁸⁵/₁₀; vara, 3" ⁵⁰/₁₀.

— O sueco *Wide* acaba de realizar nova proeza, correndo os 2.000 metros em 5' 25" ²/₁₀. O *record* da distância pertencia a *Nurmi*, com 5' 26" ²/₁₀.

— O negro americano *Hart Hubbard*, grande especialista de saltos em comprimento, conseguiu recentemente em Chicago, um salto surpreendente de 7" ⁸⁹⁸/₁₀, que bate de longe o *record* mundial pertencente ao seu compatriota *Legendre* com 7" ⁷⁶⁵/₁₀. Nos últimos Jogos Olímpicos, *Hubbard* fora o vencedor da prova com 7" ⁴⁴⁵/₁₀.

— Na Alemanha, o *sprinter* *Houben*, vencedor de *Paddock*, correu recentemente os 100 metros em 10" ⁸/₁₀. O corredor de meio fundo *Deltzer* bateu o holandês *Paulen*, fazendo os 800 metros em 1' 56" ⁷/₁₀.

TENNIS. — Continua a disputa da *Taça Davis*. A Itália, que ultimamente batiera Portugal, foi agora vencida pela França por 5 vitórias contra 0. A título de curiosidade damos a seguir os resultados técnicos do encontro:

Lacoste vence Morpurgo por 6-0, 6-2, 2-6.

Barotra vence Colombo por 6-4, 6-1, 6-1.

Ferel vence Colombo por 8-6, 3-6, 1-6, 6-2, 6-3.

Barotra vence Morpurgo por 6-2, 2-6, 12-10, 6-3.

Em *doubles*, Lacoste-Barotra vencem Morpurgo-Colombo por 6-1, 6-1, 6-1.

A França deve agora encontrar-se nas meias-finais da zona europeia com a Inglaterra. Nas outras eliminatórias da mesma Taça, a Holanda bateu a Suécia por 5 vitórias contra 0, e a Índia venceu a Austria por 4 vitórias contra 1. A outra meia-final da zona europeia coloca, portanto, frente-a-frente a Holanda e a Índia.

— O torneio de Wimbledon, verdadeiro campeonato do mundo sobre *courts* de relva, começou no dia 22 de Junho.

Entre os inscritos contam-se Borotra, vencedor do ano passado, Lacoste, Anderson, Mishu, Morpurgo, Gilbert e Lycell.

RIBEIRO DOS REIS.

A MEMORIA DE SACADURA CABRAL

SCIÊNCIA, VONTADE E VALENTIA

PALAVRAS PROFERIDAS NA SESSÃO SOLENE DO NÚCLEO DE RESSURGIMENTO NACIONAL - EM HONRA DO HERÓICO AVIADOR, PELO QUINTANISTA DE DIREITO SR. ERNESTO PEREIRA

Sr. Presidente da República:

O facto de os continentes serem separados por mares, impedia outrora as relações entre eles. O homem só sabia caminhar por terra; a navegação era difficil, tendo poucos elementos scientificos ao seu alcance. Foram os portuguezes os criadores da Arte de Navegar, dando foros de sciência ao que até aí fôra aventura. Mais tarde, os homens desejaram levantar vôo, marchar pela via aérea. Nesse sentido empregaram-se muitos esforços, tendo os portuguezes colaborado nêles. E, exactamente como outrora tinham ensinado ao Mundo a sciência de navegar no Oceano, os portuguezes deram à Navegação Aérea as necessárias condições de precisão e segurança scientificas.

Os homens da ponta de Sagres e os da Aviação Portuguesa estão assim num plano idêntico. E este paralelo é tão formidável e grandioso, que dispensa as doses de poesia e sentimentalismo com que o nosso carácter épico e lírico mimoseia as figuras de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Munidos dos melhores conhecimentos scientificos das suas respectivas épocas, os nossos marinheiros e aviadores chamaram a si a valentia portuguesa, a audácia que nos é peculiar, e um soberano desdém pela Vida.

Sciência, vontade e valentia — eis as três qualidades dos homens que, partindo de Portugal, ensinaram ao Mundo a arte de vencer o Mar e a Atmosfera.

Sciência, vontade e valentia — eis as três qualidades irmãs, inseparáveis nos portuguezes, sempre que eles são grandes, heróicos, majestosos!

Sciência, vontade, valentia — eis as três palavras que erguem ao céu estas outras palavras mais divinas do que humanas, que nos apróximam de Deus, arrancando-nos à miséria terrena: GLÓRIA! VITÓRIA!

Com vista aos incompetentes e poltrões: quando os portuguezes não sabem querer e não querem saber, falam e desnacionalizam-se.

Pertencem então à grande comunidade dos impotentes, constituindo uma legião dos sem-pátria.

Sciência, vontade e valentia, disse eu. Falta uma palavra, para sabermos quais são as pedras angulares em que assenta todo o glorioso edificio de Portugal: alma!

Há aqui dentro, no âmago destes arcabouços, uma ânsia, um sonho, uma veemência que é a justificação da nossa própria razão de ser.

Invisível, ignorada pelos outros, uma chama sagrada, um fogo super-humano arde aqui dentro, no peito: o homem foge sempre de ser homem e quere ser Deus.

Todo o homem que não sente em si ânsias de fugir da terra, apróxima-se mais de uma coisa que de uma pessoa.

A ideia de Deus é necessária ao menos para marcar aos homens a meta, o ideal, o fim. Bem sabemos, que não te alcançamos, ó Deus, ó Perfeição, mas — ó sagrada, ó sublime qualidade! — sabendo isso não desanimamos e buscámo-lo sempre, sempre, e sempre! Deus intangível, Perfeição inacessível, mas que todos buscamos com veemência e confiança! Tivemos um paraíso? Perdemos-lo? Pois bem: paraíso perdido, paraíso nunca mais reconquistado, mas que sempre pretenderemos retomar! Simplesmente o paraíso não está fora de nós, nem é o paraíso Bíblico: o paraíso está, sim, dentro de cada um de nós. A Perfeição não está no céu, está na nossa consciência!

Sacadura Cabral era um homem que mereceu esse nome: marchou em busca de Deus, quis construir o seu paraíso. Para o fazer não tinha as mãos de Viana da Mota, as orquestrações de Beethoven, a paleta de Rafael nem a pena de Camões: tinha o seu avião.

Tinha sciência, vontade e valentia; a sua alma bradou-lhe então: busquemos a Perfeição, vamos mais Além! E Sacadura venceu.

ERNESTO PEREIRA.

BIBLIOGRAFIA

Livros ultimamente recebidos: Jerónimo Valverde no colégio e sua infância (Romance), por Henrique de Vitheña. Recomendável pela sua leitura sã e edificadora.

Amanhecer, por Maria Helena. Primeiros versos que são uma inegável revelação.

O Mercado de Perfumes (Poemas), por Fernando Tavares de Carvalho. Livro muito curioso, em que são contados temas exóticos em versos de grande beleza e inspiração. Versos de verdadeiro Poeta.

In Memoriam de Camilo, coordenado por E. de A. e V. de A. e dirigido artisticamente por Saavedra Machado. A maior e mais completa obra sobre o grande Mestre até hoje publicada. Ficou assinalando o seu primeiro centenário.

Camilo. Documentos e factos novos. Vol. II, por Ludovico de Meneses. Honesto estudo de análise psicopática da ascendência camiliana, donde se conclue que o imortal autor do «Amor de Perdição» e trágico suicida de San-Miguel-de-Seide foi vítima dos seus na fatalidade inexorável de um triste legado ancestral que foi causa da sua vida desequilibrada e também da sua grandeza literária.

Torre de Babel, por Fidelino de Figueiredo. Crônicas para ler e meditar. Escritos onde há muito que aprender. O A. classificou-os de «tédio da mediocridade e flutuações espirituais de quem, por entre as balizas de algumas ideias fixas, ansiosamente busca um rumo».

Fidelino de Figueiredo, que é um trabalhador incansável, tem para breve um novo volume — «Cinzas do tédio».

Cavalgada do Sonho, por Julião Quintinha. Novelas

dum intenso idealismo, onde há evocação e grandeza, estilo pulcro e afirmação de talento.

Thérèse Quinciu (étude). é um formoso romance de uma curiosa observação psicológica, subscrito por uma illustre senhora francesa, que vive em Portugal, — Madame Sereth Neu.

O sr. André Bellessort, prefaciando o livro, escreveu: «Je vous en félicite, Madame. Vous êtes un bon médecin. Vous ne vous étendez pas sur le traitement que vous faites suivre à vos malades. Mais vous les guérissez: tout est là.»

Daqui se infere facilmente a finitude moral do tiro. Recomendamo-lo, pois, às nossas leitoras.

A Pátria Portuguesa e Brasileira, pelo sr. Nuno Catharino Cardoso, é uma antologia patriótica muito útil, contendo alguns inéditos e dados biobibliográficos acerca de 57 Poetas Portuguezes e Brasileiros. Apreciável como trabalho de sintese e de selecção. O livro, que se divide em duas partes e vários capítulos, cada, «visa não só a evocar as belezas da terra Portuguesa e Brasileira, como alguns dos notabilísimos feitos que honram, sobremodo, as páginas de ouro da História de Portugal e do Brasil.» É digno de todas as boas estantes.

A Paisagem, a Mulher e o Amor, nos versos de João Lúcio, Cândido Guerretiro e Bernardo de Passos. (Conferência), por José Dias Sancho. Beta oração, onde altos dotes de estitista se atiam aos de observador e crítico.

Évora, por João Rosa Linda, «plquette» de propaganda da histórica cidade, com preciosas notas e gravuras.

No próximo fascículo, o nosso crítico literário fará a apreciação das obras recebidas e das últimas novidades.

PELAS PROVÍNCIAS

actual guerra nunca mais acabará, se a França não abandonar Marrocos dentro de 10 anos. Mais afirmou que os marroquinos estão absolutamente decididos a estabelecer a sua independência, em conformidade com o princípio da própria determinação advogada na conferência de Versaillles após a Grande Guerra.

Em resumo: Que os franceses voltem para França, os espanhóis para Espanha, e deixem Marrocos aos marroquinos.

E' justissimo. — *Chacun chez soi...*

Desconfia-se que a Alemanha favorece os rifinhos, fornecendo-lhes armamentos, tendo os navios de guerra franceses apreendido duas chalupas daquela nacionalidade, nas águas marroquinas, próximo de Agadir.

Em Paris foi oferecido, pela Câmara Portuguesa de Comércio daquela cidade, no dia 20 de Maio, um banquete em honra do dr. António da Fonseca, ministro de Portugal em França, a-propósito da assinatura do «modus-vivendi» franco-português.

A China, que foi durante séculos uma das cidadelas da monarquia absoluta, vivendo os seus habitantes, que se computam em mais de um quinto da humanidade, numa espécie de longa idade-média até quasi aos nossos dias, ainda não há muitos anos que se elevou à categoria de República e já parece querer ir mais além...

O sr. Ernest Granger, ilustre etnólogo francês, considera o futuro deste povo, que a pouco-e-pouco sai da sua apatia, «um dos problemas essenciais da hora que passa».

O movimento xenófobo dos estudantes de Changai, auxiliados pelos comunistas russos, é um sintoma a ponderar...

De Macau, onde acaba de chegar, vai enviar-nos as suas crónicas o nosso redactor literário e distinto official de Marinha sr. J. Rodrigues Cosme.



DR. ANTÓNIO DA FONSECA

Ministro de Portugal em França, a quem foi oferecido em Paris um banquete, comemorando a assinatura do «modus-vivendi» franco-português.

71

Cartaxo

A pitoresca e laboriosa vila ribatejana, a que hoje nos vamos referir, é uma das mais antigas povoações portuguesas, tendo adquirido foral em 1312, no tempo de D. Denis.

Está situada num alto, cercada de muitas herdades, quintas, fazendas de cultivo e excelentes vinhos. Actualmente possui mais de 15.000 habitantes e, distando de Santarém apenas 13 quilómetros, tem acesso por três estações de caminho de ferro: Sant'Ana, Setil e Reguengos, sendo esta a mais distante.

Entre os seus filhos ilustres desaparecidos, é mister que evoquemos o nome de Marcelino Mesquita, o autor glorioso da «Leonor Teles».

Comércio e indústria apreciáveis. Possui fábricas de móveis, cerâmica, moagem e de compote de frutas, em Pontével.

Produce vinhos dos mais afamados e excelentes frutas.

População rude, mas leal e activa, educada nas nobres virtudes do trabalho e da dedicação pela sua terra, bem digna é de que a saüdemos!



Regulação, permitem a aplicação de métodos de transporte de tiro que proporcionam à artilharia a faculdade de *manobrar com os seus fogos*, depois de haver *manobrado com o material*, deslocando rápida e inesperadamente os seus feixes de trajectórias duns objectivos para outros. Estes factores concorrem poderosamente para fornecer à artilharia actual aquela *faculdade manobrada*, tanto de material como de fogos, absolutamente indispensável no combate moderno.

*

A adopção de *órgãos de remuniamento automóveis*, para todas as categorias de artilharia, garantindo o transporte rápido de colossais municiamentos, concorreu extraordinariamente para o notável acréscimo de *potência dos fogos de artilharia*, permitindo tirar o máximo partido dos novos materiais de tiro rápido, e dos respectivos métodos de tiro. No último período da Grande Guerra conseguiram-se, *em horas, feitos materiais* que no seu início exigiam alguns dias, exactamente pela penúria de material e escassês de municiamento com que ela foi iniciada pelos aliados.

MOBILIDADE DO MATERIAL.
MOBILIDADE E POTÊNCIA DOS FOGOS.

A *mobilidade do material*, que foi notavelmente aumentada (particularmente para os médios e grandes calibres) com a adopção da *tracção mecânica*, garante à artilharia não só a *manobra táctica* mas muito especialmente a *manobra estratégica*; assim, permite à *artilharia ligeira e pesada*, não só efectuar com rapidez e relativa facilidade, deslocamentos de pequena amplitude dentro do Campo de Batalha, mas ainda permite deslocar dum para outro teatro de operações grandes massas de artilharia, em períodos de tempo muito restritos.

A *mobilidade e potência dos fogos*, não só lhe garante a acção violenta, brutal e decisiva, como ainda lhe permite *manobrar com as suas trajectórias*, efectuando sucessivas *concentrações de fogos* rápidas e violentas sobre os vários objectivos do Campo de Batalha, criando *zonas de fogos* onde os projecteis de todos os calibres se sucedem com rapidez e precisão, e mantendo o inimigo numa enervante e desmoralizadora incer-

Não tem o Cartaxo algumas bemfeitorias de que se está tornando digna, como abastecimento de águas e luz, mas estamos certos de que os esforços da sua briosa e activa edilidade, no sentido de conseguir êsse melhoramento, serão em breve coroados do necessário êxito.

M. SILVA.

A inauguração do rápido para o Algarve

O extremo sul do país acaba de ver realizada uma das suas mais velhas aspirações — a ligação rápida com a capital. A linha do Vale-do-Sado, ultimamente inaugurada, reduzindo já a 7^h, e prometendo reduzir ainda mais, a duração do trajecto Lisboa-Faro, veio trazer um grande incitamento ao comércio e indústrias algarvias, inclusive a do turismo, que a formosa província não pode descurar. Êsse trajecto fazia-se em 13 horas, e nem sempre...

Associamo-nos às festas que o Algarve tem dedicado ao engenheiro Director da C. C. F. do S. S., sr. Plinio da Silva, e ao restante pessoal da mesma companhia, que levou a cabo tão belo empreendimento.

Outras linhas falta agora construir, no interior da província, para o necessário desenvolvimento agrícola e turístico da mesma.

Tem a palavra o engenheiro sr. Fernando de Sousa, que é autoridade no assunto e muito bem conhece o Algarve. Sua Ex.^a é da seguinte opinião: «Duas apenas são necessárias, e de via simples:

a) Estação de Loulé — Loulé - San-Brás d'Alportel e Faro, com um ramal de San-Brás por S.^{ta} Catarina a Tavira (Em estudo);

b) Trensia de Portimão a Monchique, prolongado para o lado oposto até à Praia-da-Rocha, e de Lagos a Vila-do-Bispo, Aljezur, Odeceixe, San-Teotónio e Odemira.»

A Comissão que delineou em 1898 a rede complementar do Sul, acrescenta, a-propósito desta última, preconizou a construção de uma linha de via reduzida com essa directriz, trazendo-a até ao pôrto de Sines. O sr. Plinio da Silva parece não ver muito longe a sua efectivação.

Antes do assentamento dêsse trôço, porém, deverá ser um facto a ligação da rede algarvia com a rede geral espanhola, por Ayamonte, o que não importa menos aos interesses económicos da província.

Nova comarca

Macieira-de-Cambra, acaba de ser elevada a comarca, acontecimento muito festejado pelas figuras mais representativas da laboriosa povoação. Faremos brevemente um estudo circunstanciado do respectivo concelho.

A serra portuguesa

O falho conhecimento, por grande parte dos homens cultos portugueses, do valor arvense das nossas serras, tem dado foros de sciência a uma expressão hoje vulgar — a de que Portugal é um país essencialmente agrícola.

A' luz do verdadeiro critério científico, é mais que discutível tal afirmativa. Portugal deve ser considerado, antes de tudo, um país florestal. Os belos aspectos de serra, que vamos brevemente dar, assim o comprovam. Fará a sua apresentação alguém que tem percorrido todo o País em missão de estudo, e é já distinto botânico — o dr. Francisco d'Ascensão Mendonça, nosso ilustre redactor.

teza à cerca do ponto, ou pontos, sobre que se executará o ataque decisivo.

*

Pode afirmar-se que a *Artelharia* saíu da *Grande Guerra* dotada de todos os elementos indispensáveis ao desenvolvimento máximo da sua acção no Campo de Batalha, em harmonia com os princípios basilares que acabamos de indicar. Assim, a *Artelharia* actual está habilitada a poder levar ao Campo de Batalha bôcas de fogo curtas e compridas de todos os calibres e potências, de tiro rápido ou acelerado, podendo lançar projecteis de grande capacidade e poder explosivo até às maiores distâncias; e dispondo de tão fortes municionamentos, que quasi pode consumir sem contar. Pode além disso adaptar as suas trajectórias aos mais variados terrenos pelo emprêgo judicioso das suas bôcas de fogo curtas e compridas e das cargas normais e reduzidas, por forma a garantir-lhes um máximo de razança em todas as circunstâncias; tem ainda à sua disposição *projecteis de gases*, que lhe fornecem um meio rápido e seguro de *neutralizar* objectivos a qualquer distância no Campo de Batalha, logo que se lhe exige

sobre êles uma acção fulminante, incompatível com um *tiro de destruição*, sempre demorado. Todos estes factores fornecem à *artelharia* o *grande poder destruidor* (ou *neutralizador*) que actualmente se lhe deve exigir, a qualquer distância, dentro do Campo de Batalha.

A *artelharia actual* dispõe ainda duma grande mobilidade, que lhe é permitida por todos os meios de transporte, desde a tracção hipomóvel, para a *artelharia* ligeira e pesada curta, até à *artelharia* transportada ou rebocada por camions ou tractores de rodas ou à *chenilles*, ou ainda transportada por via férrea em wagons-tancks especiais.

A organização das *Pranchetas de tiro* e dos *Planos directores*, duma precisão inexcusável, e indicando os mínimos detalhes do terreno e das organizações inimigas, conjugada com a execução, por parte de todas as categorias de *artelharia*, de todas as correcções devidas às variações atmosféricas e balísticas, que antigamente constituíam apanágio da *artelharia* de grande potência, permitem a toda a *artelharia* a execução de *Preparações de tiro* por tal forma precisas que, além de quasi dispensarem nalguns casos a

:: CHÁ :: "GORREANA"

SABOROSO
ECONÓMICO
SAUDÁVEL

Peçam sempre chá "Gorreana"

JAIME HINTZE

PRODUTOR

Ribeira Grande — San - Miguel — AÇORES

A MELHOR OFICINA DO PAIZ

Litografia MATA

Trabalhos litográficos
em todos os géneros.

Os mais baratos
por serem os mais perfeitos.

FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.^a

Cartas para todos os jogos, em cartão de linho
transparente, couché e algodão.
Jogos da Glória, Assalto, Dominó, Loto, etc. Venda avulsa
de rótulos para licores, xaropes, aguardentes, etc.

Escritório Central — R. da Madalena, 60 a 70 — Lisboa
TELEF. 3623 C.

Officinas — R. do Barão, 2 a 4, à Sé (Edifício próprio)
TELEF. 6177 C.

Pequenos anúncios — Úteis e económicos — Cada linha, 1 escudo

COMÉRCIO E INDÚSTRIA.
jornal mensal para propaganda
do comércio e indústria nacio-
nais. Assinatura anual, 10 escudos.
Redacção e Administração: Rua Al-
meida e Sousa, 53-r c-D. — LISBOA.

A CABA de aparecer o **PORTU-
GAL QUÍMICO.** Único jor-
nal químico português. Publica-
-se mensalmente. Assinatura anual, 10
escudos. Redacção e Administração:
Rua Almeida e Sousa, 53-r c-D.
— LISBOA.

OS anúncios da "ALMA
NOVA" são os que ofe-
recem mais garantias ao comér-
cio externo e colonial.

TODOS os escritores e amigos da
literatura devem assinar *La Pen-
sée Latine.* Publicação mensal.
Única revista literária francesa com
páginas em Português. Assinatura anual,
12 escudos. Aceito-se colaboração. Di-
recção da Secção Portuguesa: Rua
Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA.

"ALMA NOVA"

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
:(PAGAMENTO ADIANTADO):

Portugal e Ilhas: Sem. (6 n.ºs) 8\$00; Ano (12 n.ºs)	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Brasil e restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50

(Cada fascic. o preço correspondente aos números)

HOTEL SARZEDAS

Proprietário: António Sarzedas

O hotel mais bem situado em Castelo Branco,
muito perto da estação de caminho de ferro
e do teatro. Recomenda-se pelo seu bom tra-
tamento e pelos quartos confortáveis que tem.

CASTELO BRANCO

SE for passar as fé-
rias ao campo ou
para qualquer praia,
não se esqueça de le-
var entre os seus li-
vros: _____

*Contos para crian-
ças*, por D. Branca
Lopes, com ilustra-
ções de Roberto No-
bre; pr., 8\$00. —

Minha Pátria, poema,
por Mateus Moreno;
pr., 3\$00. —

A VENDA NA

"ALMA NOVA"

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL-NORTE-3538

Dr. Ascensão Contreiras CLÍNICA GERAL DOENÇAS NERVOSAS

Consultas às 17 horas

San-Pedro de Alcântara, 63-2.º

: LISBOA :

A "ALMA NOVA" é lida nos Consulados, Legações e Associações comerciais de todos os países.

■ E' DO SEU PROGRAMA tornar conhecidos lá fora todos os nossos produtos de exportação ■

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA,"

(COLECCÃO RESSURGIMENTO)

: Pedidos à C. João do Rio, 8-1.º — Lisboa :

Sangue d'Epopeia — <i>A Artilharia Portuguesa na Flandres</i> , por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. illust., broch., 4\$00; carton.	12\$00	A Educação Moral — <i>Pelas exercícos de redacção</i> , (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA	4\$00
De Portugal à Flandres, id., broch.	1\$00	Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES	2\$50
Sinfonia Macabra — <i>Máximas da Kultur</i> , id., id.	1\$00	O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO; edição de luxo, formato grande e profusamente ilustrada (a entrar no prelo)	
Minha Pátria — <i>Poema em 3 livros e 3 jornadas</i> , id., id., 2.ª edição, broch., 3\$00; carton.	7\$50	Eça de Queirós — «Revelado por uma ilustre senhora de sua família» (D. C. D'EÇA DE MELO)	3\$00
Cantigas (2.ª edição), por REBÉLO DE BETTENCOURT, com prefácio de Luis Chaves. 1 vol. br.	2\$50	A carta, um acto em verso, por Mateus Marena (no prelo)	
Odes de Anacreonte, por LUIS CALADO NUNES	2\$50	Contos para crianças, por D. BRANCA LOPES MARTINS, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus — Porto)	8\$00
Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAOALHÃES. 1 vol. broch., com ils. de Rafael Bordalo	5\$00	A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils.	1\$00
O Inverosímil — <i>Conferência Praibida, original do insigne escritor e maralista LORDE PECHINCHA DE NADAVALE</i> (CRUZ MAOALHÃES)	2\$00		

"ALMA NOVA" volumes I e II da 3.ª série, encad. 25\$00, broch. 15\$50

Em todas as remessas destes livros se faz o desconto de 20 % aos assinantes da *Alma Nova*

A EMPRESA EDITORA DA "ALMA NOVA" ENCARREGA-SE DA COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E BROCHURA DE LIVROS E QUAISQUER PUBLICAÇÕES. A PREÇOS EXCEPCIONALMENTE CONVIDATIVOS Também se executam encadernações em todos os géneros e fazem-se remessas de quaisquer livros, franco-porte

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA

NO ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matrículas. No ano seguinte o número dos alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo este a maioria das matrículas que se vão registando diariamente à propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matrícula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matrícula nos cursos de Escrituração e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, n.º 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.

A "ALMA NOVA" INTERESSA A TODOS OS PORTUGUESES.
TODOS OS VERDADEIROS PATRIOTAS DEVEM ASSINÁ-LA